

ANUÁRIO

2014

6

**EM NOME DE RELIGIOSIDADES E ESPIRITUALIDADES
[PERCURSOS NOS *POR DENTROS* DAS ESCRITAS DA ILHA]**

GRAÇA ALVES

ANUÁRIO 2014

CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DO ATLÂNTICO

ISSN: 1647-3949, FUNCHAL, MADEIRA (2014)

PP. 48 - 92



CEHA
CENTRO DE ESTUDOS DE
HISTÓRIA DO ATLÂNTICO

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

**EM NOME DE RELIGIOSIDADES E ESPIRITUALIDADES
[PERCURSOS NOS *POR DENTROS* DAS ESCRITAS DA ILHA]**

Graça Alves – CEHA

Graça Maria Nóbrega Alves (Funchal, 1964). É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas e é professora do Ensino Secundário, destacada no Centro de Estudos de História do Atlântico, onde tem desenvolvido projetos ligados à literatura e às histórias de vida – Memória das Gentes que fazem a História. É co-autora da publicação Biblioteca Digital de Autores Insulares – Irene Lucília Andrade, 2011 e de *Paisagens Literárias. (quadros da Madeira)* 2014, CEHA, assim como em diversas publicações daquela Instituição. Tem participado em vários projetos literários: *Um pingo de sol na areia*, 2008; *“O Sétimo Dia”* - 2005 e *“Foi o Mar”* - 2007, reeditados em 2009, integrados na obra *São Vicente em fundo; Meu Simão daquela tarde*, 2010; *Contra a Corrente*, 2011; *Constança*, 2013. É autora de alguns contos inseridos em antologias: *Contos com Vinho Madeira*, 2006 e 2008; *Lendas da Madeira para Crianças*, 2011; *Com palavras, nascem histórias; Leituras Soltas I e II* e Agenda Literária da FNAC. Participou com textos nos livros: *Igreja do Colégio: Esta igreja é um poema*, 2011, *20 de Fevereiro*, 2011 e *Visita da Imagem Peregrina à Diocese do Funchal*, 2012. Mantém uma crónica num jornal da região.

RESUMO

Na ligação entre o homem e a terra, o sagrado surge, muitas vezes, como forma de explicar o que não se compreende, de justificar o que não se domina, de dar sentido ao que – aparentemente – não o tem. Numa ilha como a da Madeira, que (con)vive diariamente com a proximidade da natureza, essa presença é muito comum, nas diversas manifestações culturais que a envolvem. Na literatura, por exemplo.

Uma leitura do que se escreveu, ao longo dos séculos XIX e XX, permite-nos reunir um conjunto referencial de elementos ligados à espiritualidade e religiosidade do povo madeirense que ajudam a definir a sua identidade. Pretende-se, assim, perceber de que forma essas questões são motivo nos textos literários, entendidos enquanto instrumentos de transmissão de saberes sobre o homem, a sociedade e o mundo [usando a definição de Aguiar e Silva] e de que modo os autores portugueses – insulares e continentais – conseguiram estabelecer esse diálogo entre o espiritual e as palavras.

PALAVRAS- CHAVE: ilha, identidade, diálogos, literatura, espiritualidade.

EM NOME DE

Algumas notas [quase] metodológicas

Entre os olhos e os textos, há sempre muitos silêncios, muitos vazios, paisagens indiscreíveis, porque constituídas por vozes nem sempre audíveis, escondidas atrás daquilo que se pode ou deve escrever, na medida em que se trata de temas de dentro da vida. Propusemo-nos, então, procurar traços de religiosidade e de espiritualidade que os autores – poetas ou não – semearam na literatura. Com esse lastro [que chamaremos poético] tentaremos construir um padrão da alma ilhoa, na sua relação consigo e na sua ligação com tudo aquilo que faz parte do seu campo de ação: a natureza, os outros, a divindade.

Duas questões se nos colocaram, desde o princípio: a resolução, do ponto de vista teórico, das relações entre literatura, espiritualidade e religiosidade e a nossa vivência pessoal, insular e espiritual que poderia, de algum modo, influenciar a nossa leitura. E decidimos: que não nos fixáramos em demasia nas questões teóricas, na medida em que elas seriam, naturalmente, tratadas por estudiosos muito mais abalizados do que nós, pelo que nos limitaríamos a fundamentar o nosso entendimento das palavras dos autores e dos textos com os quais nos fomos cruzando; que seguiríamos as pistas das palavras e dos silêncios, com a percepção de que a literatura – como qualquer arte – é capaz de incorporar a diversidade e a multiplicidade da vida, explorando metaforismos e simbolismos, procurando marcas do humano e do sagrado, naquilo que nos parece ser construção de sentidos para a vida, para a morte, para o tempo, para o não compreensível.

Surgiu-nos, entretanto, uma terceira questão: onde se situa a fronteira entre o espiritual e o religioso? A etimologia abriu-nos um caminho: *espírito*, do latim, *spiritus*, significando “respiração”, “sopro” e *religião*, do latim *religio*, quer se refira ao *relegere* de Cícero¹ que nos remete para a leitura das escrituras, quer ao *religare*, de Lactâncio, que Santo Agostinho² adotará, definindo *religião* como um ato de piedade que serve para ligar os homens a Deus.

Estabelecemos, então, que, no nosso discurso, entenderíamos por espiritualidade, a construção do por dentro do insular e por religiosidade, tudo aquilo que, sendo externo ao seu eu, contribui para o construir a totalidade do seu ser. Desenhamos, depois, as bordas da ilha, isolando a rocha do azul. Fizemos dela o laboratório. Como dantes. Como no tempo em que, neste pedaço de terra, se ensaiavam culturas, se inventava o mundo.

Olhamos, depois, para o ilhéu. Enquadramo-lo na geografia da ilha e procuramos perceber-lhe os pensares e os sentires e, a partir das palavras [suas e de outros], construir uma “pessoalidade” ilhoa, com o que isso tem de espiritual e de religioso. Na nossa tese, o conceito de madeirense não se resume àquele que nasceu na ilha e construiu a sua casa na beira da rocha. Ele será entendido, no nosso texto, como aquele que guarda a ilha dentro si.

O resto foi descoberta. Livre. Com a percepção de que a literatura – como qualquer arte – é capaz de incorporar a diversidade e a multiplicidade da vida, construindo sentidos, explorando metaforismos e simbolismos, reunindo em cada texto marcas do humano e do sagrado.

1 Cf. CICERO, *De natura deorum*.

2 Cf. SANTO AGOSTINHO, *De vera religione*.

Como era no princípio

escrita, a última trincheira da identidade

Vargas Llosa

No princípio era o Verbo. Ou o(s) mito(s). Ou as representações. Podia começar assim esta procura dos trilhos da espiritualidade e da religiosidade pelas palavras que contaram [e contam] a ilha, em português, ao longo ao longo dos séculos XIX e XX.

Uma leitura do que se escreveu, permite-nos reunir um conjunto referencial de elementos ligados à espiritualidade e religiosidade do povo madeirense que ajudam a definir a sua identidade. Pretende-se, assim, perceber de que forma essas questões são motivo nos textos literários, entendidos enquanto instrumentos de transmissão de saberes sobre o homem, a sociedade e o mundo [usando a definição de Aguiar e Silva] e de que modo os autores portugueses – insulares e continentais – conseguiram estabelecer esse diálogo entre o espiritual e os textos, dando-nos a conhecer um dos lados da ilha, o mais espiritualizado, o mais sobrenatural.

Na ligação entre o homem e a terra, o sagrado surge, muitas vezes, como forma de explicar o que não se compreende, de justificar o que não se domina, de dar sentido ao que – aparentemente – não o tem. Numa ilha como a da Madeira, que (con)vive diariamente com a proximidade da natureza, essa presença é muito comum, nas diversas manifestações culturais que a envolvem. Na literatura, por exemplo, fixando elementos de uma história coletiva, de uma espiritualidade comum, marcada, muitas vezes, por relatos de experiências ilhoas, nos seus conflitos, nos seus sofrimentos, nos seus anseios, nos seus sonhos. Porque diferentes, porque *como as sereias temos dupla natureza: somos de carne e de pedra. Os nossos olhos mergulham no mar.*³

Pelo caminho, encontrámos perguntas e respostas, mitos e mistérios, deuses e demónios. Encontrámos uma rede de versos e de narrativas com mar ao fundo e com muitos silêncios que entre-ouvimos apenas porque conhecemos o resto, o que a tradição continuou a contar, o que a vox populi não deixou morrer.

Aqui e além, um traço de tradição atrás de uma

festa religiosa, uma palavra pronunciada pela personagem que “sabe” certamente mais do que os autores permitem que conte. Vamos por aí, portanto: percebendo a(s) alma(s) que foram compondo a *Alma* da Madeira e do Porto Santo, ao longo das escritas de dentro e de fora do arquipélago, a forma como essa alma foi corporizada em textos de tipologias diversas: poesia, narrativa e crónica, o que o tempo foi alterando, o que foi deixando cair, o que ficou calado – porque fora do domínio da razão.

Este nosso contributo atravessará, assim, três olhares, sempre em nome da procura de uma espiritualidade própria do ser(mos) ilha.

1 - de fora

2 - de dentro

3 - por dentro

Atrás desses olhares, fomos encontrar uma multiplicidade de visões do mundo e da vida, matrizes diferentes para a busca de sentidos para a vida, para a definição da “fé”, para a perceção dos limites do homem, para o entendimento das manifestações rituais [populares ou não] da religião oficial e da tradição católica do arquipélago da Madeira.

Neste texto, procuraremos perceber a forma como as questões da religiosidade são abordadas nos textos literários produzidos por visitantes ou por naturais / residentes – os ditos e os não ditos, o que se pode escrever e o que não convém. Por outro lado, e porque consideramos que a literatura fixa elementos de uma história coletiva, questionaremos as relações entre o pensamento e a ação, o oculto e o visível, a forma como a palavra e o silêncio se organizam nas escritas, de forma a permitir [ou não] ler a identidade madeirense e legitimá-la num plano espiritual, entre o humano e o divino, portanto.

Pelos trilhos da História e dos Mitos

E bem lhe pareceu que era terra em parte não esperada, mas somente lhe deparava Deus para sua salvação, mas ainda para bem e proveito destes reinos, vendo a disposição e feitio dela.

JOÃO DE BARROS

Estabelecidos os protocolos de leitura [muitos

3 NEMÉSIO, *Insula*, 1932.

dos nossos textos são ficção ou poesia], encontrámos uma Ilha mítica, ainda envolvida nos ideais dos Descobrimentos, numa escrita eivada pela luta contra o infiel que, ao longo da História, vai assumindo outros nomes. A literatura da expansão - onde se enquadra o descobrimento das ilhas da Madeira e do Porto Santo – trazem a expansão da Fé como bandeira primeira, diretamente ligada a uma outra expansão, a do Império.

É por isso que Gomes Eanes de Zurara (1420-1474), no século XV, na *Crónica do Descobrimento e conquista de Guiné, onde falei das coisas especiais que o Infante fez por serviço de Deus e honra do Reino (...)*⁴ narra a Descoberta da Ilha da Madeira como um presente de Deus ao Reino e, de uma forma particular ao Infante, herói modelar, casto, frugal e piedoso, totalmente dedicado ao serviço da fé.

*E como Deus queria encaminhar tanto bem para este Reino, e ainda para muitas outras partes, guiou-os assim que com o tempo contrário chegou à Ilha que se chama agora do Porto Santo, que é junto com a Ilha da Madeira, na qual pode haver sete léguas em roda. E estando ali por alguns dias, guardaram bem a terra, e pareceu-lhe que seria grande proveito de se povoar. E tornando dali para o reino, falaram sobre isso ao Infante, contando-lhe a bondade da terra e o desejo que tinham acerca da sua povoação. (...) Fizeram assim tudo saber ao Infante o qual se trabalhou logo de enviar lá outras gentes e corregimento da Igreja, com seus clérigos, de guisa que em mui breve tempo foi grande parte daquela terra aproveitada.*⁵

No *Livro Segundo das Saudades da Terra*, Gaspar Frutuoso procura mostrar que, na descoberta das ilhas, imperaram diálogos que se tornaram muito importantes para a compreensão do mundo: as correspondências homem-mar, homem-Deus, homem-homem. O ideal humanista permanece, deste modo, assente no paradigma da civilização cristã.

Chegar ao Arquipélago Atlântico da Madeira foi, assim, entendido como um prémio de Deus ao Infante. Era a piedade divina que deparava o Porto Santo para salvação dos navegantes, manifestação real da presença de Deus e da sua vontade:

*aprouve à piedade de Deus que o tempo cessou e, posto que os ventos lhe fizeram perder a viagem que levavam (...) não os desviou de sua boa fortuna, descobrindo a ilha que agora chamamos do Porto Santo (...) Iha que deparava Deus para sua salvação, mas ainda para bem e proveito destes regnos, vendo a disposição e sítio dela, e mais de não ser povoada de tão fera gente como, naquele tempo, eram as Canárias. (...) era Deus servido dele.*⁶

A ilha era um lugar vazio, virgem, um paraíso que era preciso benzer, cristianizar.

*depois de ver a terra quão fresca e viçosa era, deu muitas graças a Deus pela mercê que lhe fizera e, pelos padres, mandou benzer água, que andaram espargindo pelo ar e pela terra, como quem desfazia encantamento ou tomava posse, em nome de Deus, daquela terra nova, nunca lavrada, nem conhecida (senão, pouco antes, de Machim) desde o princípio do mundo até àquela hora.*⁷

Era o batismo da terra. Ao mesmo tempo que a tornava “filha de Deus”, exorciava-a de eventuais “encantamentos”, dos demónios e sátiros que, eventualmente também, habitavam aquela floresta virgem.

As descrições desse lugar são, então, de um *locus amoenus*, um paraíso terreal onde, diz o cronista, as aves vinham comer à mão dos marinheiros, *porque não eram costumadas a ver gente, nem conversação no mundo*⁸ onde [havia água] *estremada, boa e fria e leve, (...) um formoso e deleitoso vale; (...) sem haver árvore mais alta do que outra, (...) muito alegre à vista, (...) que parecia a Natureza meter todo seu cabedal em aperfeiçoar obra tão acabada*⁹. O Éden. Na ilha.

Houve, depois, uma grande preocupação no momento de decidir os primeiros adão e eva da Madeira. João Gonçalves Zarco, mesmo tendo recrutado gente dentre os condenados nas cadeias do Reino, *não quis levar nenhum dos culpados por causa da*

4 Citado por AAVV, 1982, *Aquele espesso negrume* (variações sobre um mesmo tema: Machico e Machim na Alvorada da ilha, Machico).

5 Citado por AAVV, 1982, *Aquele espesso negrume* (variações sobre um mesmo tema: Machico e Machim na Alvorada da ilha, Machico).

6 FRUTUOSO, 1979, p. 18.

7 FRUTUOSO, p. 42.

8 FRUTUOSO, 1979, p. 42.

9 FRUTUOSO, 1979, p. 47.

*fee*¹⁰, entendendo este espaço como um lugar sagrado que era preciso manter o mais impoluto possível.

Legitimava-se a posse da terra, “em nome de Deus”. Por esse motivo, quer na Madeira, quer nas outras terras que os portugueses foram desvendando, conforme o espaço ia sendo reconhecido, ia sendo marcado pela construção de templos, pela presença de frades franciscanos, primeiro e de outras ordens, depois, tornando literal a expressão que muitos séculos mais tarde, outro autor usará para explicar a espiritualidade que a ilha foi desenvolvendo: *O Homem não é dono por si só do Universo*¹¹.

A ilha seria, já, conhecida como um lugar especial, o cemitério dos amantes, Robert Machim e Anna d’Arfet que aqui teriam chegado e adormecido para sempre. Nas escritas do princípio, há essa história de amor e de mistério que confere a este lugar o estatuto de chão sagrado. E uma cruz¹². A mesma que os navegadores portugueses terão encontrado. Na narração desta história, um elemento vem, de um certo modo, trazer uma nota simbólica ao lugar onde a cruz estava plantada. Ali *se impinava a grande Árvore*, entendida, no contexto da sua Epanáfora Amorosa, como uma espécie de Árvore Cósmica¹³, uma ponte a ligar a terra ao céu. Aquele seria, pois, o sinal: o das sepulturas dos dois amantes, mas também – e sobretudo – o do lugar do altar, o primeiro daquele paraíso encontrado¹⁴.

Ao longo da história da literatura da ilha, este romance de amor impossível vai apadrinhar a ideia de Paraíso, como um lugar embrulhado em brumas, porque esconde um tesouro, um lugar onde só os deuses e os heróis têm morada. D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666), baseando-se na *Relação* de Francisco Alcoforado, transformará a Madeira num lugar mágico, envolvido pelo medo do negrume intenso que se avistava do Porto Santo. A chegada dos aman-

tes ingleses à Ilha da Madeira é uma prova iniciática: lutam contra a impossibilidade do amor na sua terra, atravessam o Oceano, sofrem os tormentos do mar e, naufragos, descobrem um paraíso terrestre.¹⁵

Ao falar do surgimento da Ilha da Madeira, no meio do mar, também Cabral do Nascimento, a (des)cobre de véus: *Além começa a névoa a dar contôrno / a um ponto que não é nem mar nem céus. / Parece um brinde mágico, um adôrno / ali deixado pelas mãos de Deus*¹⁶.

A ilha da Madeira aparece, efetivamente, em muitos textos envolvida em brumas. Na literatura, a névoa e o mistério fazem parte do imaginário dos romances de cavalaria, ainda bem presentes nos autores do princípio. São eles que precedem as grandes revelações, no sentido de as preservar. Ao aparecer, nos textos, envolta em nevoeiro, a ilha fica ligada aos mistérios das lendas arturianas, pelo que, na literatura popular, se levanta a possibilidade de nela se ter acolhido o Desejado, nosso mito supremo, tornando-a uma nova Avalon, onde vive um rei sonhador – que não é Artur, o da Távola Redonda, mas que é Sebastião, o de Alcácer Quibir:

*Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Voltará da sorte incerta
Que teve?
Deus guarda o corpo e a fôrma do futuro,
Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro
E breve.*

(Pessoa, in *Mensagem*)

D. Sebastião representa a crença em qualquer coisa que virá salvar-nos, uma espécie de homem crístico que, a partir da Ilha – a da Madeira ou de uma outra de o povo vê, no meio do mar¹⁷, mas que a bruma esconde, representa a esperança:

*São ilhas afortunadas,
São terras sem ter lugar,
Onde o Rei mora esperando.
Mas, se vamos despertando,
Cala a voz, e ha só o mar.*

(PESSOA, in *Mensagem*)

Na abertura do *Arquipélago da Madeira, Maravilha Atlântica*, Maria Lamas retoma estes mitos – o da Atlântida que o mar engolira, a Ilha das Delícias de

10 LEITE, 1946, p.16

11 CARVALHO, 2001, p.43.

12 MELO, s.d., p. 55: *Ornaram de na grande Cruz de madeira aquele bárbaro e piadoso túmulo, por testemunho de sua religião.*

13 CHEVALIER, GHEERBRANT, 1999, p. 84: *Pelo facto de suas raízes mergulharem no solo e de seus galhos se elevarem para o céu, a árvore é universalmente considerada como símbolo das relações que se estabelecem entre a terra e o céu. Por isso, tem o sentido de centro, e tanto é assim que a Árvore do Mundo é um sinónimo do Eixo do Mundo.*

14 MELO, s.d., p. 70, *A na parte e a outra se viam as duas agrestes sepulturas. (...) As Cruzes e os Epitáfios confirmavam o primeiro testemunho (...) Foi, então, com as cerimónias católicas, benta aquela água por dous Religiosos, e com ela purificado o ar e a terra, invocando a Deus com preces e rogatibas santas, ordenou-se o verdadeiro altar, consagrando-se com o alto sacrifício da Missa; e foi levantado em o proprio que Roberto e Ana bariam erigido, fazendo-se ao Céu particular comemoração de suas almas.*

15 Tomaz, 1635, *O sítio que do Mar se descobria, / Que um novo paraíso parecia.*

16 Nascimento, 1922, p. 11.

17 Cf. Freitas, Pe. Alfredo Vieira de, 1964, *Era uma vez na Madeira.*

S. Brandão, a de Machim ou *a ilha-aparição (...) que os livros citam como Ilha fugidia. (...) [uma] ilha de bruma [onde] D. Sebastião esperava a hora do seu regresso triunfal*¹⁸ e que o povo continua a avistar em dias especiais...

A Madeira fica assim envolta em mistérios que, naturalmente, contribuirão para a identidade do seu povo, marcando a sua espiritualidade, a sua forma de lidar com o sobrenatural e com o desconhecido. Até hoje, porque os mitos morrem [se morrem] devagar. Ao menos a literatura vai recuperando memórias, muitas vezes contaminadas por outras crenças, por outras culturas, pelas regiões que vão aparecendo, sobretudo a de tradição judaico-cristão que se tornou dominante em todo o território português. Veja-se, por exemplo, um excerto de um conto do século XXI que retoma a lenda da antiga Atlântida – de que a Madeira seria parte – e a mistura com uma entidade cristã – Maria – transformando a Madeira numa gota do céu, perfeita, portanto, *não eram lágrimas, mas pérolas autênticas*, divina, também:

*Maria lembrou-se ainda mais da Atlântida, engolida pelas águas. Não conteve as lágrimas, que eram de nostalgia e misericórdia, já que a Humanidade deixara perder o divino que há em si e, apesar do castigo, não se tinha emendado. Afinal... não eram lágrimas, mas sim pérolas autênticas que brotavam dos olhos de Maria...e...uma delas...foi cair no preciso local onde a Atlântida se situara.(...)// - É a Madeira, a futura Pérola do Atlântico! // Na jovem ilha soaram então as doze badaladas e uma mágica luz iluminou os céus, enchendo-os de cores fantásticas, ao mesmo tempo que o ar se revestiu de perfumes magníficos. Essa visão desapareceu mas o povo manteve-a através das famosas festas de fim do ano, com um espectacular fogo de artifício*¹⁹.

Neste conto integrado na Coletânea “Leituras Soltas”, a questão da Noite de S. Silvestre reveste-se de um sentido quase espiritual, uma espécie de “Faça-se” genesíaco - o princípio dos tempos, a criação da ilha, a renovação. Neste excerto, o autor associa-se-lhe uma *mágica luz*, uma visão que o povo foi mantendo, ao longo dos tempos, transformada em fogo de artifício, lançado no exato momento da

transferência do ano velho para o ano novo²⁰:

Estará aqui a explicação para o céu aceso em fogo, na noite de São Silvestre? Será esta uma festa em que a luz rompe as trevas e o tempo recomeça, fazendo juz ao dito popular: Ano Novo, Vida Nova? Será isto que Horácio Bento de Gouveia (2001, p. 41) quer dizer com a frase: *Com a entrada do ano novo parece que deixámos para trás um caminho que não voltamos a percorrer*?

É assim que, no trilho da história e do mito, se escreveu a alma madeirense. Nas suas fundações, porém, o que se sobrepõe é a espiritualidade ditada pela religião católica que aqui chegou, nas naus das descobertas. Tentaremos, porém, resgatar o resto, o que a tradição não deixa morrer, o que sobreviveu dos arquétipos míticos da alma do povo. Será esse o nosso próximo trilho: a forma como escritores e poetas leram a espiritualidade dos insulares, como descobriram os seus sacrários, o que disseram, apesar da impossibilidade de dizer o que não era de se dizer.

Agora e sempre

Fomos em busca das palavras. Primeiro, as que vieram de fora, as que se tornaram as vozes de quem visitou a ilha ou nela permaneceu o tempo suficiente para a conhecer. Depois, os que, vindos de fora, fizeram da Madeira ou do Porto Santo a sua casa. Finalmente, percorreremos os textos dos autores nascidos no arquipélago que fizeram morada fora dele e dos que aqui permaneceram e escreveram.

OS DE FORA

*Uma pequena ilha, a quinze milhas, é como um cirro de cinza ou panejamento de veleiro a esfu-mar-se na distância; a cinquenta (se se admite que possa ser vista), uma vaga sombra a sumir-se na linha do horizonte; - vista dentro dela própria, é do tamanho do mundo.*²¹

¹⁸ Lamas, 1956, p.16.

¹⁹ CASTRO, 2008, p. 21.

²⁰ ELIADE, 1989, p. 23: *Aludimos à estrutura mitológica do Ano Novo ou das festas que marcam um «começo»: decifra-se ainda a nostalgia da renovatio, a esperança de que o mundo se renove, de que se possa iniciar uma nova História num mundo regenerado, isto é, criado de novo.*

²¹ SANT’ANNA DIONÍSIO, in Mourão-Ferreira, 1979, *Portugal A Terra e o Homem*, Lisboa.

Percorrer as palavras de quem vem de fora é encontrar um dos *tópoi* poéticos com maior relevância literária: o éden, o paraíso que Deus criou, no princípio dos tempos. Bastaria pegarmos, por exemplo, na antologia de Cabral do Nascimento e perceber a forma como autores como Travassos Valdez, Garcia Ramos, Norberto Araújo, Bulhão Pato ou António Nobre tratam a Ilha da Madeira.

Comparam-na aos lugares míticos da Antiguidade Clássica, tendo em conta as suas penedias, as rochas abruptas que se atiram ao mar, a sua “luxuriante vegetação”, verdadeiras “acrópoles de beleza”, onde se guardam milagres – a paisagem, os costumes, o trabalho do homem. Quando imaginada de fora, a ilha representa a utopia, o enigma, o refúgio, o paraíso.

Situaremos, então, a leitura da espiritualidade, no olhar de quem chega, de quem vem atrás da salvação. Este lugar da salvação pode, mesmo, ser interpretado no sentido literal, já que se acreditava que a ilha tinha um poder salvífico, graças ao seu clima, à bondade dos seus ares que ajudava a curar a tísica, e à paz da sua paisagem que ajudava a aliviar a nostalgia: *Foge o spleen, ao sorriso feiticeiro / Das vivas insulanas, e aos afagos / Dos campos e do clima criador*²², ou, no dizer de Júlio Dinis, o lugar da esperança: *Então a melancolia dissipa-se e o espírito engolfa-se no regaço de verduras da formosa ilha, que crescia para nós a receber-nos, abrindo o seu seio benéfico e maternal aos desconfortados que nela só depositavam as suas derradeiras esperanças*²³.

A Madeira revela-se, desta forma, ela própria, um santuário, o lugar onde se vem beber a vida e a beleza da Criação. Fala-se de um milagre dos céus, coadjuvado pela mão forte e corajosa do insular que se torna herói, co-criador da beleza da terra, conquistador da sumptuosidade da natureza. Deus – ou a natureza – cedeu-lhe a matéria-prima; a ele coube desbravar, cultivar, tornar a terra fértil: *Patenteia-se, então, e cada vez mais o esforço do Homem em tornar espantoso o milagre, que ele próprio fez, de obrigar toda a terra a tornar-se úbere*²⁴, um “canto do Paraíso”, obra de Deus que os homens, com seu engenho, sua bondade, seu amor à terra, vêm aperfeiçoando dia a dia para que nada falte aos que a visi-

tam (Montês, 1938: 186). Registe-se que esta participação da mão do homem, no aperfeiçoamento deste paraíso, tem, nas palavras de António Montês, um objetivo concreto – *para que nada falte* – e destinatários-outros que não os madeirenses – *os que a visitam*, atribuindo aos ilhéus o estatuto de sacerdotes de um santuário – que é a Ilha – ao serviço dos que a visitam. Lília Fonseca dirá o mesmo, de outro modo: *Atrás de um bordado da ilha, de uma garrafa de Madeira, ou de uma mobília de verga que a Madeira nos exporta, está todo o labor de uma população inteira que o turista, na sua inconsciência ou na sua desocupação, julga que encontra a postos apenas para o servir e adular*.²⁵

Numa conferência realizada na Casa da Madeira, em Lisboa, a 21 de janeiro de 1960, intitulada *Ilha da Madeira e suas virtualidades espirituais*, Sant’Anna Dionísio narra o seu encontro primeiro com a *Ilha da Madeira a romper genesiicamente das matutinas neblinas*²⁶. Fá-lo assim, como um fiel à procura de respostas: *O que nesses instantes interessa é a auscultação quase religiosa do coração telúrico do que, por uma espécie de milagre, surge*²⁷.

O por-dentro da ilha revela-se, então, na literatura, como um milagre que é preciso sentir, com a disponibilidade de espírito que as coisas grandes exigem, na medida em que *Tudo o que é admirável exige o silêncio*²⁸.

Descobrir o seu interior implica, então, ajoelhar o olhar perante a sumptuosidade verde-verde das montanhas e a grandiosidade funda dos seus abismos, desencadeando o regresso às origens, à pureza inicial, à fonte. Há autores de falam em embriaguês, outros em contemplação: *Que é contemplar? é uma espécie de pensar originário. - ... Toda a contemplação lembra a fogueira discreta e lenta do primeiro homem*²⁹. É portanto a Natureza que, de acordo com muitos autores continentais que a visitaram, faz de quem chega um ser religioso, orante, justificando as palavras de S. Paulo de que nos apropriamos aqui: *O Senhor tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas* (Rm 1,20), para lhes acrescentar “e da beleza da natureza”.

Na Madeira, a viagem, a excursão, tornou-se um

22 PATO, in Nepomuceno, 2008, p.15.

23 In NEPOMUCENO, 2008, p. 23.

24 PACHECO, in Nepomuceno, 2008, p.97.

25 MENDONÇA, 1969, p. 72.

26 Dionísio, 1970, p.15.

27 Dionísio, 1970, p.15.

28 Sant’Anna Dionísio in FERREIRA, 1979, p. 356.

29 Sant’Anna Dionísio in FERREIRA, 1979, p. 358.

dos pretextos da escrita da ilha. O olhar do viajante ou do que vem à procura de experiências novas – porque as ilhas trazem sempre uma outra mística – é necessariamente diferente do que vem em busca de cura ou traz na bagagem um motivo pessoal ou profissional qualquer.

É pois a espiritualidade do seu olhar sobre a terra que se derrama na escrita, muito mais do a leitura da alma do povo e das suas manifestações: a ilha é apontada como um bom lugar para morrer, por Bulhão Pato e Assis Esperança, a chegada ao Funchal é o “dia santo” das viagens do açoriano Diniz da Luz. É, contudo, pela voz de Natália Correia, insular, ela também, que, do nosso ponto de vista, melhor se percebe o que a ilha provoca nas pessoas: uma mescla de sentires, de olhares, de modos de ver o mundo e de se apropriar dele; um diálogo permanente entre as diversas espiritualidades que a ela chegam de fora e que ela torna suas:

*O que mais me impressiona na Madeira é o diálogo que se estabelece entre a noite e o mar, entre a vegetação do norte e a flora tropical, entre o Atlântico e o Mediterrâneo, entre o espírito europeu e a languidez oriental. Uma discreta fusão de civilizações exarcebada pelas características próprias da insularidade. É esta que prodigiosamente concilia o inconciliável, produzindo tipos humanos de impressionante riqueza nos quais o espírito apolíneo da mente ocidental se harmoniza com a imaginação dionisíaca trazida pelos ventos que sopram de África.*³⁰

Fixar-nos-emos, agora, em dois autores que aqui permaneceram tempo suficiente para escreverem sobre outros aspetos mais específicos da espiritualidade do povo, ou da sua religiosidade, na medida em que, em muitos momentos um e outro se confundem, nas liturgias e nos rituais que praticam.

Ferreira de Castro, *Eternidade*, 1977.

Por entre a dor e o amor, a personagem tenta retomar o fio à vida, na Ilha da Madeira. Ao longo da narrativa, vai tecendo reflexões acerca de si e dos outros, acerca da paisagem, acerca do que perdeu e

acerca da pessoa em que se tornou. Apesar de muito centrado no sofrimento de Juvenal, há descrições muito pormenorizadas de alguns lugares obrigatórios para quem vinha de fora. É o caso do Terreiro da Luta, a que ele chama o *Terreiro da Paz* (p. 114), em que é contada a sua história, revestida de guerras e de promessas. Ao ouvir o irmão que lhe narra os pormenores da subida dos homens pela arriba, com as pedras que compõem o rosário que cerca o pedestal da Virgem, o pensamento de Juvenal retrocedia até às contruções antigas, em que *a turba dos escravos transportava, sob chicote, pedra para as muralhas (...) ou templos levantados com humildade perante os deuses, por quem se mostrava soberbo e inclemente perante os homens* (p. 116).

Como parêntesis, este Monumento é um dos mais referidos pelos autores portugueses, como representativo de um lugar especial. É o caso do Padre Francisco Alves Pinheiro que, no seu relato de uma excursão às Ilhas Adjacentes, realizada em 1938 e publicada em 1950, inclui um testemunho de um outro autor, no caso, Hugo Rocha, presidente da excursão, publicado pelo “Comércio do Porto”. Fala da *santidade do lugar* [que] *impressiona os menos sentimentais e de um sobrenatural encanto* que o fim do dia, naquele local, provoca nos visitantes, um espetáculo *a que não pode assistir-se de coração frio*³¹.

Fechado o parêntesis e, de regresso à *Eternidade*, é este Monumento cuja história é bem demonstrativa do sacrifício a que o povo madeirense é capaz, quando se trata de prestar honras aos céus – tenham eles os nomes que tiverem – o pretexto para o seguinte pensamento do autor: *O sacrifício humano não se importava nem erguia escrúpulos que apiedassem, desde que se tinha por certo e indiscutível o pagamento divino* (p. 117) e que vagueia entre a crítica e uma certa “inveja” pela fé destes homens que, na vida e na morte, eram muito mais felizes do que ele, já que a sua *fé em vida intérmina bastaria para dulcificar as agruras da sua efémera vida na terra* (p. 117).

No seu olhar continental, há a noção de que, nas ilhas, a necessidade da fé é maior, *porque o homem que vive, dia e noite, entre mar e céu, vive mais com o infinito, sente um desamparo maior e precisa mais de um deus* (p. 117). De acordo com alguns teóricos, quanto mais distante dos processos que formam as sociedades modernas, mais próximos do sagrado

30 MENDONÇA, 1969, p. 113.

31 PINHEIRO, 1950, p. 138.

os homens se encontram. No caso da Ilha, há esta ligação próxima à natureza, nas relações que o madeirense estabelece com as árvores, com as plantas, com os animais, com as encruzilhadas dos caminhos.

Mas há outra coisa. Explicada, de um certo modo, pela confusão de poderes: o povo está revoltado e manifesta-se. Do outro lado da barricada, há consciência de que só a Igreja pode desmobilizar a revolta e impedir os confrontos: *Viera o padre colocar-se no meio da estrada (...) O povo era religioso – e o céu ia lutar com a terra. Inteligente fora quem, sabendo quantas superstições e rasa humildade viviam em cada peito rural, preferira os íconos às armas. (...) Mas, ao ver o padre, como acólito e a cruz faiscando ao sol, a multidão deixou desfalecer a sua vozeria* (p. 264).

A personagem de *Eternidade*, talvez o alter ego do autor, salvaguardado atrás do faz-de-conta da ficção, reage: *-Estão a enganar-vos! Se Deus existe, ele tem de ser igual para todos e não pode colocar-se ao lado dos que deixa o povo morrer de fome* (p.266). E explica: *– Não se compreende que Deus exija ou aceite, como condição para os seus favores no céu, o sofrimento dos homens na terra. Isso seria torná-lo cruel* (p. 267).

Não podemos, então, esquecer que Ferreira de Castro é um autor com preocupações sociais que, na clareza da sua escrita, vai derramando a sua incompreensão pelo facto de a igreja não se posicionar ao lado dos mais fracos.

Maria Lamas, Arquipélago da Madeira
– Maravilha Atlântica, 1956.

Maria Lamas traz consigo, também um olhar social. Desde o início do seu texto, assume que a sua visão sobre a ilha não será a de turista, ou de uma mera visitante em busca da paisagem ou da beleza que a ilha lhe poderá, eventualmente, oferecer. Assume um posicionamento diferente que terá, naturalmente, influência na sua escrita: *Venho com amor e sinceridade – amor pela terra e pelas gentes; sinceridade de conhecer, compreender e exprimir a Vida destas ilhas – a vida total: Natureza e Humanidade* (p. 26).

Estabelecido o seu objetivo – a (re)descoberta da Madeira, Maria Lamas guia-nos pela Maravilha Atlântica, atrás da *Vida, no que ela tem de maravilhoso e dramático, de perene e efémero* (p. 26). E isto inclui, certamente, o espiritual, o religioso, a relação dos homens com aquilo que Sant’Anna Dionísio chama o “resto”³². E o “resto” é esta vizinhança com a natureza, para o bem e para o mal. É o poder que ela tem na vida das pessoas³³. No olhar desta mulher, os homens desta ilha, os que ela encontrou na serra à procura de “feiteira”, *transportam em si a eternidade* (p. 44). Porque sem medo. Porque sem saber que o perigo os espreita em cada fim de caminho.

Por entre os registos das observações que vai fazendo, Maria Lamas reporta pessoas, movimentos, lugares e, em Santana, observa atentamente *um bando de adolescentes, todas muito compostas, calçadas e de lenços ou mantilhas brancas* (p. 49). Neste retrato, sublinhado pela expressão *seriedade própria de mais anos* (p. 49), a autora dá conta do cuidado posto na indumentária de ir à missa, porque era de lá que vinham, da confissão: *explicaram-me que a festa da freguesia se realizava no Domingo seguinte: três missas – uma logo às seis da manhã, para os homens; outra a seguir, para as mulheres; a missa cantada e o sermão, ao meio dia, para todos. À tarde haveria procissão e romaria – o grande acontecimento anual de Santana* (p. 50).

Desta informação que a autora partilha com os seus leitores, um aspeto merece uma referência especial : o facto de este relato se situar no tempo, antes do Concílio Vaticano II, o que explica o facto de haver missas separadas para homens e para mulheres, do mesmo modo que havia lugares diferentes dentro dos templos para cada um dos sexos, para as diferentes classes sociais. Disso dá conta um outro autor de fora da ilha que a fixa no século XIX e a escreve em 2013:

Entrou no templo. Notou logo que havia uma hierarquia na demarcação dos espaços ocupados pelos fiéis. De um lado, os homens; do outro, as mulheres. À entrada, os lugares reservados ao povoleu; mais acima, as classes mais prestigiadas. O cônsul, por imposição protocolar, teve de se posicionar num lugar cimeiro do

32 FERREIRA, 1979, p. 358.

33 *É o Albinho quem me responde (...). Ele bem sabe que a água é o sangue deste solo fertilíssimo (...) Como inimiga, porém, é terrível: arrasta para o sorvedouro do mar terras, vidas e haveres, sem que ninguém lhes possa valer.*, in LAMAS, 1956, p. 42.

*templo, ao lado do governador civil e de outras entidades importantes, num lugar de relevo por estar exposto aos olhos do bispo e dos restantes fiéis*³⁴.

É por entre os meandros da ilha, percorrendo os caminhos que a natureza foi desenhando e a mão do homem compondo, que Maria Lamas vai falando de assuntos que outros autores, menos interessados na alma das gentes, foram deixando esquecidos: a lenda de um tesouro escondido no chão do Curral das Freiras ou a referência ao lugar onde a *crendice* situa as *assembleias de feitiçaria*: no Campo Grande, o ponto mais agreste do Paúl da Serra, *a superstição diz e rediz (...) que as bruxas se encontram com o diabo, à meia noite em ponto, para os conselhos maléficos* (p. 75). A avaliar pelas palavras da autora, a superstição faz parte da vida da população madeirense, tolhendo-lhe, muitas vezes, os movimentos, por medo do que não se (re)conhece³⁵.

Por outro lado, nota-se, pelas suas palavras, uma certa resignação face às questões que a vida numa ilha como a da Madeira implica. O medo da força dos elementos é uma constante no espírito do povo:

*Esse pavor (...) paira na atmosfera rural da ilha como uma fatalidade suspensa (...) que, no entanto, a encaram com aquela resignação e persistência que lhes é peculiar: “Tudo o que Deus manda é bom” - dizem eles, sem ironia, submissamente, e voltam a «empoleirar» terras, a levantar casas(...) ali mesmo onde todo o trabalho anterior foi destruído, onde terras, casas e culturas foram levadas pela torrente ou desapareceram sob descomunais derrocadas.*³⁶

Será esta resignação e/ou aceitação da vontade de Deus uma característica insular? O povo da ilha aproxima-se, então do homem rural que se opõe ao urbano, na medida em que vê na espiritualidade e na religião uma possibilidade e amenizar ou procurar resposta para os seus sofrimentos: na seca, pedidos para chover, nos invernos, a mão de Deus para estan-

car as ribeiras. É pois, do madeirense, “andar com a graça de Deus”, ou aceitar o que Deus manda, seja o bom, seja o mau.

Do Paul do Mar, entre temas sociais, nomeadamente a emigração e os costumes, Maria Lamas dá atenção às festas mais importantes da freguesia: o Natal - em que as ofertas ao Menino Jesus concorrem com as que se faz ao Sr. Prior - e a festa de Santo Amaro. Fixa-se nesta, como exemplo de romaria madeirense em que o fervor religioso se mistura com aspetos profanos que se há de encontrar noutros lugares, com outras festas. No entanto, há uma nota no seu relato que diferencia a procissão desta festa de outras [os mesmos “anjinhos” e “promessas”, a mesma solenidade, andores, confrarias e sacerdotes... (p. 136)] - é a ornamentação da rua: *Do princípio ao fim, dum lado e doutro, não há um palmo de parede que não ostente colchas, tapetes, mantas, cobertores, lençóis, toalhas e até combinações de seda - tudo quanto de melhor e mais vistoso possuem os seus moradores* (p. 136)]. A autora compara esta rua a um bazar árabe, dado o ambiente exótico da “roupa” exposta, contrastando com o tapete de verdura que forra o chão para passar o andor. Se por um lado, esta é uma forma de mostrar a prosperidade da casa, graças aos que estão fora, por outro, é um modo de fazer participar desta festa, em louvor de Santo Amaro, os ausentes que, neste lugar e ao tempo deste relato, eram muitos.

No seu périplo pela ilha, em Machico, a autora vai registando as tradições que o mar foi trazendo, os fachos acesos na montanha, por exemplo, a lembrar os faróis que, na noite, orientam os pescadores. Depois, já no Caniçal, uma outra referência: a procissão da Senhora da Piedade, *o mais original cortejo de toda a Madeira* (p. 184), porque no mar, porque com uma embarcação a servir de altar, porque momento de socialização dos habitantes do Caniçal com o resto da ilha. Da descrição deste povo de pescadores, um traço da sua religiosidade: *Muito devotos e superstitiosos - também nesse ponto não diferem dos demais pescadores madeirenses. Ninguém entra no mar sem fazer o sinal da cruz, assim como seria considerado hereje aquele que não trouxesse consigo, em medalha ou escapulário, as imagens suas protetoras.* (p. 186)

A Maria Lamas, porém, foi apenas dado a ver o visível. Para todos os efeitos, a autora era uma forasteira preocupada com detalhes que - e isso é verda-

34 CARVALHO, 2012, p. 83.

35 *Tanto assim que ninguém - homem ou mulher - se aventura a passar por ali depois do pôr do sol; mesmo de dia, quem adrega a fazê-lo, sente sempre - e não cansa de o proclamar - misterioso arrepiro: mais uma superstição no caos de agoiros e malefícios de bruxaria em que se desorienta e afunda grande parte da população insular.* LAMAS, 1956, p. 75.

36 LAMAS, 1956, p. 97.

de – outros não foram capazes de ver: as manifestações populares que colocou no domínio das lendas e das credências aparecem nesta sua obra como meros registos de ouvir contar.

os que fizeram histórias da História

Da História para as histórias foi a estratégia de escrita dos quatro autores que constituem o nosso corpus, Agustina Bessa-Luis, Helena Marques, Alice Vieira e António Breda Carvalho. Agrupámo-los, tendo em vista a forma como semearam a espiritualidade naquilo que consideramos o lastro poético da ilha, entre o mar, a solidão, a utopia e a noção de conto, de novela ou de romance histórico.

Um sentimento insular?

[em *A Corte do Norte*, de Agustina Bessa-Luis, 2008.]

Tendo a Madeira como cenário e um enredo pós-romântico de traições, paixões e desacertos, este romance de Agustina percorre a história de cinco gerações de mulheres influenciadas pelo mistério de Rosalina de Souza que, abandonando tudo, se refugiou na Corte do Norte. Ponta Delgada, no norte da Ilha, torna-se, assim, o epicentro de um romance que trata do *sentimento insular que se instaura no uso da saudade, como algo que tudo invade e mobiliza*. (p. 14). Das vivências espirituais das personagens pouco se fala. No entanto, há um registo que nos permite intuir que a grandiosidade da natureza provoca no madeirense um espírito triste que os levava, muitas vezes, a sair da ilha, a emigrar – *cavava no coração uma depressão em que o sangue enegrecia de triste e cativo* (p. 45), que vem de algum modo, dar razão à frase de Maria Lamas, *Ainda não ouvi o povo cantar nesta ilha*³⁷.

Esta tristeza ou melancolia deve-se a uma série de fatores que, de um certo modo, se ligam às características da ilha da Madeira, em que a sumptuosidade da natureza faz, por um lado, realçar a pequenez

do homem e, por outro, dificulta-lhe a vida. É assim explicada a emigração, nessa busca de mundo e de subsistência. Os homens vão, mas regressam para a festa, para aplicar no dia do Senhor Bom Jesus, o *aditamento místico: eram como crianças que entravam na igreja e iam beijar os pés de Cristo* (p. 45). Este ato de beijar a imagem – que se repete nas outras festas, com imagens de outros santos, da Virgem, do Menino Jesus, pelo Natal ou da cruz na sexta-feira santa é (...) *a que se teria para com uma pessoa viva: fala-se-lhe, toca-se-lhe, fixa-se com uma insistência de quem espera resposta, levam-se junto dela objetos familiares e crianças*.³⁸

Ao tratar da festa, a autora dedica muito mais atenção à outra parte, mais profana, aos romeiros *executando o bailinho, como dança de gnomos a que a floresta desse folga um dia* (p. 45), as tendas com a carne para a espetada e a bebedeira, *figurando o drama da inibição e do castigo terrenal*. (p. 46). Esta imagem das reses esventradas e da bebida voltará a ser retomada num parágrafo longo, inteiramente dedicado à romaria do Bom Jesus: *bebiam como se executassem um ritual e iam despedaçar as reses abatidas à choupa* (p. 93). Para além do arraial, dos comes e bebes (nomeadamente o pão com manteiga de alho), da chegada dos romeiros, do retomar das conversas interrompidas no ano anterior, há uma referência à procissão³⁹.

O “até para o ano” do fim das festas – que Agustina evoca, nas conversas que vão ficando suspensas, transforma-se, então, num modo, de exorcizar as desgraças e a morte e de garantir a presença na festa do ano seguinte.

Nada mais. Pelo meio do romance, há personagens que deificam a montanha – *A montanha precisa de honras. Ajoelhar-se diante dela não é favor* (p. 52). Horácio Bento de Gouveia já se referira ao *culto da árvore, como parte do instinto*⁴⁰ ilhéu, passando por aqui uma forma especial de espiritualidade do povo.

Sem epílogo, a história da Corte do Norte, conclui-se com uma reflexão acerca do próprio ato de

38 SANCHIS, 1992, p. 42.

39 *A procissão durante a romaria percorre entre as casas, os caminhos da vida quotidiana dos homens para a erguer ao plano da eternidade*, in SANCHIS, 1992, p. 44; *Talvez seja esse o momento mais importante do encontro entre a religião oficial e a popular, na medida em que as janelas se abrem para receber a bênção do santo: a procissão corresponde a um duplo movimento: a projecção do sagrado fora do santuário, a sua epifania publicamente triunfante, e correlativamente, uma sacralização do espaço*, in SANCHIS, 1992, p. 120.

40 GOUVEIA, 1994, p.30.

37 LAMAS, 1956, p. 56.

escrita deste romance - *vi muitas vidas e muitas verdades; e, com estas, lendas e adivinhações. De tudo fiz este livro* (p. 259), o que liberta o texto de responsabilidades no campo da verdade.

Os poderes e a interpretação das Escrituras

[*Os Profetas*, de Alice Vieira, 2011

e

O Fotógrafo da Madeira, de António Breda Carvalho, 2012]

A narrativa de Alice Vieira está centrada no Porto Santo, no século XVI, e tem por base um facto narrado por Gaspar Frutuoso, em que Fernão Nunes, o Bravo, e a sua sobrinha, Filipa, se declararam profetas iluminados pelo Espírito Santo. O romance recria os dias de pregação e as torturas e mortes que o discurso dos novos profetas vai provocar, na medida em que é entendido como heresia.

Todo o texto está, dado o tema, pejado de traços de uma religiosidade própria da época, em que o senhor da terra é quase tão forte como o senhor do céu, reminiscências de um tempo em que o governo das ilhas esteve entregue à Ordem de Cristo, sendo a administração assegurada por governadores e administradores vitalícios:

*Desde sempre me habituei a fazer a distinção entre Nosso Senhor e nosso-senhor. Nosso Senhor vendo-nos do céu, e nosso-senhor espianando-nos na terra. Nosso Senhor prometendo as bem-aventuranças do paraíso a quem lhe obedecesse cegamente; nosso-senhor prometendo-nos meia dúzia de moedas em troca da nossa vida inteira a aumentar a sua glória e proveito*⁴¹

Este *Nosso Senhor* de que fala a narradora d' *Os Profetas*, Filipa Nunes, é apresentado como responsável pelo facto de o Porto Santo ser uma *terra de maldição: Quando Deus fez o mundo, ficou muito cansado. e, quando abençoou a sua criação, nem reparou nesta ilha perdida nos mares. Somos a terra para que Deus nem olhou* (Vieira, p. 40). Uma blasfémia, na boca do avô.

A este Deus é atribuída a pobreza do povo que, de acordo com a História, foi realidade naquela ilha desde sempre: a secura, o abandono, os saques, o isolamento⁴². O que de mal acontece ou de incompreensível é *vontade de Nosso Senhor* (Vieira, p. 37): a morte, por exemplo, é entendida, então – e, ousamos dizer, até hoje, como *um dos desígnios insondáveis de Deus* (Vieira, p. 26). Por isso, talvez, alguma inércia, a pouca vontade de lutar contra um destino que ultrapassa a vida do homem⁴³.

Ao tempo desta narrativa, *Tirando os padres (...) ninguém no Porto Santo sabia ler ou escrever* (Vieira, 2011:30). Daí o poder de Fernão Nunes, o Profeta: ele tinha a cultura, conhecia o que os livros contavam, tinha um poder tão grande como o do clero – o de saber ler e interpretar os textos bíblicos. Um diálogo entre Nuno Vaz, o tio padre, e Fernão, justifica esta afirmação: *que só a Igreja pode ensinar o que vem nos Livros Sagrados(...) porque só a Igreja tem as palavras certas, as que não confundem a cabeça das pessoas (...) que divulgar os textos sagrados é crime de alta traição (...) ao rei e à Santa Madre Igreja* (Vieira, p. 85).

Esta ideia da interdição do conhecimento das Escrituras há de ser retomado num outro romance – também ele datado e contextualizado num outro tempo da ilha, no século XIX. Trata-se do caso Kalle e da importância da leitura e estudo da Bíblia: *Ao contrário da prática católica, a salvação não era assegurada por práticas religiosas como a confissão, a penitência, a comunhão e boas obras, mas pela Fé, obtida pela leitura e pelo estudo das Escrituras sagradas e de outros textos devocionais, pela pregação e pela prática do bem* (Carvalho, p. 231). Efetivamente, cabia à Igreja explicar as escrituras. Interessaria a alguém – *ao rei ou a Santa Madre Igreja* – a ignorância do povo? Seria mais fácil manipulá-lo, dessa forma?

E ele [o Profeta] falava, falava, falava. E acusa-va os senhores da Igreja de colaborarem com os senhores da terra para aumentarem a exploração dos pobres. E ao povo que o seguia e escutava ele lia dos grandes livros da ciência e das leis, e fazia-os enten-

42 O Porto Santo atravessou os tempos sob o signo da prepotência dos donatários, das secas e da fome, da cobiça dos piratas e do esquecimento dos governos (...) *Nem o baptismo, santificando a ilha lhe concedera a graça da fortuna, pelo menos a de ter uma humana atenção do mundo*. FRANÇA, 1979, pp. 99, 100.

43 João Hespagnol, um escritor português que escreveu sobre o Porto Santo, acaba por definir a personalidade deste povo, duplamente insular, assim: *nós somos hoje, como os moinhos sem cereais, aguardando que nos digam para que servimos, depois da utilidade ter findado*. HESPAGNOL, 2007, p. 15.

41 VIEIRA, 2011, p.25

der o que estava nas palavras do Novo Testamento e das Escrituras. (Vieira, p. 84). Que relação se estabelecia, então, entre nosso-senhor e Nosso Senhor? Que ligações existiam nas ilhas entre o poder político e o religioso?

Com a intriga centrada num outro tempo, a uma distância de três séculos, Afonso Ayres Drummond, consul honorário da França, na Madeira, é instado pelo governador a despedir do consulado um homem que havia sido excomungado por apostasia – tinha-se convertido ao protestantismo⁴⁴.

O narrador partilha, então a reflexão da personagem: *Não vivia numa ilha, vivia num ninho de víboras*, (Carvalho, p. 201), ao ponto de um jornal de tendência liberal – o Imparcial – *assumir encarnadamente a intolerância de uma religião contrária à do Estado* (Carvalho, p. 201). A justificação, encontra-a facilmente: *o peso de séculos de tradição católica soterrava a mais bem-intencionada ideia liberal*. (Carvalho, p. 201).

Tal como Fernão Bravo, o Profeta do Porto Santo, Kalley, o médico calvinista, quer ensinar o povo a ler e a pensar. E interpretar as Escrituras era curar o povo da cegueira, porque só o conhecimento nos abre os olhos, e nos liberta da opressão e nos leva pelo caminho da verdade (Vieira, p. 84).

O romance de Alice Vieira mostra esta exclusividade do clero na explicação das coisas de Deus no século XVI, no Porto Santo e a resistência da Igreja a que outros tentassem interpretar as Escrituras, deixando a nu algumas das suas imperfeições e impedindo que o povo pensasse por si. Não obstante esta teoria, que se aplicava também na Madeira, o povo parecia estar sedento de conhecer a *Palavra de Deus*, sobretudo se aliada às boas obras, conforme se pode ler em *O Fotógrafo da Madeira*, com a ação situada no século XIX e a propósito de Robert Kalley: *A prática do bem. Ora, era aqui que se fundamentavam as ações filantrópicas do escocês nos campos da educação e da saúde, vistas pelo clero local e pelas autoridades políticas como uma estratégia de angariação de seguidores*. (Carvalho, p. 231).

Na verdade, ensinar a ler era uma necessidade junto de um povo como o da Madeira, com uma taxa de analfabetismo imensa. *Muitos alunos estabele-*

ciam os primeiros contactos com as letras através da leitura da Bíblia. E, à medida que a competência na leitura e na escrita se consolidava, crescia o entusiasmo pela descoberta dos textos sagrados. O povo acorria em grande número para ouvir as escrituras lidas e explicadas (Carvalho, p. 228).

O protestantismo antecipa aquilo que o Concílio Vaticano II há de trazer, na segunda metade do século XX: É preciso que os fiéis tenham acesso patente à Sagrada Escritura⁴⁵ De acordo com Tolentino Mendonça, *este mote desencadeou uma grande energia no tecido eclesial e contribuiu para alterar significativamente o modo como a Bíblia era olhada: a reforma litúrgica explicitou o lugar dela como centro da vida da Igreja; o aprofundamento da Bíblia contribuiu largamente para a renovação teológica e pastoral; incrementou-se a tradução e divulgação do texto bíblico...*⁴⁶

Helena Marques e *A Deusa Sentada*, 1994.

[visões]

Em Malta, onde foram procurar as suas raízes, Laura e Matilde conversam: sobre os seus, sobre si, sobre o tempo. De entre múltiplas reflexões – familiares, literárias, sociais - a questão da alteração do discurso da Igreja, *nos anos sessenta...ou terá sido nos anos cinquenta?* (p. 43), é objeto de diálogo:

Até a Igreja, que pregava a fraternidade em Cristo, ensinava simultaneamente a resignação no mais sufocante e aniquilador dos sentidos. Foi um escândalo, verdadeiro terramoto, quando os católicos, nomeadamente os padres-operários, começaram a interessar-se pelos oprimidos e pelos explorados e a declarar que não se pode falar de Deus a um homem de estômago vazio.

Os padres-operários de que fala Laura entendiam que era necessário que a Igreja fosse até às classes que a guerra e as fábricas tinham afastado da Igreja Institucional.⁴⁷

44 Ao negá-lo – entendia que a excomunhão era do foro da Igreja e o emprego, do foro civil (...) – o governador ameaça-o: - Advoga então a separação da Igreja do Estado (...) Ideia revolucionária, senhor cônsul (...) Tenha cuidadinho. In CARVALHO, 2012, p. 200.

45 *Dei Verbum* 22.

46 MENDONÇA, 2013, p. 83.

47 Trata-se de padres que, a partir dos anos 1943-45, sentiram vivamente, sobretudo por causa da guerra, um corte profundo da Igreja institucional com o mundo social comum, em especial com as classes populares. Preocupados em se aproximar destas últimas, foram tais padres conduzidos a pensar que cabia à Igreja ir até elas. Na

Laura reconhece-se muito crítica relativamente à Igreja que compara a *um clube privado que impunha bolas brancas de aceitação ou pretas de recusa. Incomodavam-na as organizações católicas que se digladiavam sem cerimónia nem pudor, algumas geriam e esgrimiam influências, detinham poder económico, procuravam o poder político, assim definiam o seu modo de servir os ideais evangélicos* (p. 138). Num discurso longo, refere-se a assuntos que [também] atingiam a sociedade madeirense: a questão da maternidade de Deus [a expressão “Deus é Mãe” do Papa João Paulo I], a multiplicação de seitas – *a católica que residia no mais fundo de si mesma, interrogava-se sobre as razões dessa transferência de fidelidades* (p. 139), o conservadorismo, a falta de liberdade de consciência, a sobrevalorização da castidade, entre outros.

As duas personagens deste romance não fazem qualquer referência à Madeira ou à forma como a Igreja estava ali instalada, não obstante os laços profundos que as unem à Ilha que [Laura] *acreditava ser uma espécie de paraíso* (p. 27).

os de fora... que ficaram...

*Tudo, na Madeira assume valorização diferente. Não sei de quê, nem porquê, se do isolamento, do excesso de beleza, desta configuração ciclópica, não sei se do estranho mistério que a envolve em silêncio e bruma para depois a desnudar em exuberante formosura... Mas tudo assume valorização diferente: o trabalho, o amor, a saudade, o sonho ou qualquer realidade quotidiana*⁴⁸.

por ser [esta] ilha

As ilhas – qualquer ilha – são motivos estéticos de inspiração e de reflexões filosóficas e identitárias.

sequência de experiências várias, acabaram por compreender que a melhor atitude missionária era a imersão na classe operária, tornando-se eles próprios operários «sem espírito de retorno». SUAUD, Charles, “O corpo sacerdotal (católico) entre doutrina e inovação”, comunicação feita a 28 de Novembro de 2008, no quadro do Curso de Doutoramento do Departamento de Sociologia da Universidade do Porto, in <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7201.pdf>.

48 Maria do Carmo Rodrigues, «Grandeza da água», in Revista Panorama, 1964, in AAVV, 1990, *Narrativa literária de autores da Madeira*, sec. XX (*Antologia*), sel. Nelson Veríssimo, Funchal, p. 83.

Quer sejam reais ou imaginárias, elas reúnem uma carga mítica e psicológica que se derrama nas escritas dos autores que nelas nasceram e nelas fizeram a sua principal morada. As ilhas possibilitam um permanente diálogo com o outro, talvez por causa do mar que ora separa, ora junta, sobretudo numa ilha como a nossa, vocacionada, desde muito cedo, para o mundo. Por outro lado, qualquer espaço insular é uma morada de contrários, concentrando em si todos os elementos – o fogo do vulcão, a força da terra, os ventos brumosos de outros lugares e a vastidão azul do oceano. As ilhas têm um valor sacral, como se guardassem o mundo inteiro e nos aproximassem mais do universo. Nas ilhas, tudo fica muito perto: o mar e a montanha, com tudo o que de bem e de mal, eles trazem, nesta vizinhança real do homem com a natureza.

A ilha torna-se, então um templo e o homem, um crente que, por causa dessa proximidade, traz o *Credo* ao pé da boca e faz de grande parte da vida uma súplica ou um agradecimento: é a seca ou é a chuva, são as ondas alterosas e as águas que, se despenham, tantas vezes loucas, arrastando consigo tudo o que encontram – terras, culturas, casas, animais, gente.

Encontrámos, aí, a diferença entre as ilhas e o continente. O fenómeno espiritual expressa-se, então, na literatura, constituindo-se, em muitos momentos, um registo da marca das angústias, conflitos e desejos, mesmo aqueles que estão ligados a formas de religiosidade mais institucionalizadas. É como diz o poeta,

*Ser ilha no mar do Mundo,
No mar ignoto penedo,
É descer fundo – bem fundo! –
Num mar de angústia e de gredo.*⁴⁹

Por outro lado, esta ilha tem lugares que tocam o céu e que, por esse motivo, evocam dimensões do ser humano que, eles também, tangem a transcendência:

Quem ali sobe e comunica com aquele mundo fica mais que deslumbrado: tem uma vaga sensação de transcendência, misto de exaltação e angústia. Ali está, realmente, uma coisa grande,

49 CÂMARA, 1950, p. 202.

*o centro do infinito, a dar ao Homem a noção da pequenez da Terra e a fazer-lhe sentir o valor das asas... As asas que se elevam no espaço por uma lei da física; as asas da inquietação que superam limites e impelem o Homem para mais alto, no seu destino de conquista, na grande descoberta da Vida e na total realização da sua harmonia*⁵⁰

A nossa análise inciduiu, sobretudo, sobre obras literárias publicadas ao longo dos séculos XIX, XX e dos primeiros anos do século XXI, pretendendo ser apenas uma amostra do que se escreveu no arquipélago. O nosso corpus é constituído por textos de tipologia diferente, escritos em épocas diferentes, sujeitos a pressões de diversas origens, com intenções diversificadas. Pretendemos, com esta escolha, tocar apenas os autores mais representativos, sem nos atermos a questões de escolas literárias ou de ideologias específicas. Deixámo-nos ir ao sabor dos textos, apoiados, em grande parte, numa outra escolha, muito mais abalizada do que a nossa, a da Professora Doutora Maria Mónica Teixeira e nas suas *Tendências da Literatura na Ilha da Madeira nos séculos XIX e XX*, uma História da Literatura, publicada pelo CEHA, em 2005. Por outro lado, recorremo-nos de obras de alguns autores da contemporaneidade que, do nosso ponto de vista, poderão vir a trazer novos contributos para a sequência desta História.

a cristandade

Um olhar despido confirmou a nossa ideia de que a tradição cristã tomou conta de grande parte das escritas deste intervalo de tempo, sendo essa a marca de espiritualidade mais visível ou mais imediata que encontramos, o que nos parece compreensível. Com efeito, a Madeira é uma ilha maioritariamente católica, apostólica, romana e, tal como no resto do país, o poder político e eclesiástico estiveram muito misturados, ao longo dos séculos. Bastaria pensarmos no Infante D. Henrique, senhor da Ilha e Grão-mestre da Ordem de Cristo; bastaria pensarmos na Cruz das caravelas que chegaram aqui; bastaria pensarmos na história desta diocese ao longo destes cinco séculos de existência.

Num capítulo, A Madeira e a Igreja, Lopes de Oliveira atribui – sem dúvidas – os próprios Descobrimentos à fidelidade do sonho Infante – a dilatação da Fé. Recorrendo-se da História, o autor afirma que *Essa Igreja modelou (...) o carácter formativo e a alma do nosso povo*⁵¹, seguindo-se-lhe um capítulo sobre a Sé do Funchal, uma obra de arte, uma obra de Deus.

Desde o princípio, a cristandade. Assim se inicia *Além-Mar*, de Cabral do Nascimento: *Labios em reza, corações em esperança, / Mãos postas á Senhora dos Milagres, / (...) / eles deixaram numa tarde mansa / O promontório que se diz de Sagres*,⁵² desde que aqui chegaram os descobridores: *Se os teus olhos, Infante, / A pudessem olhar, choravam como os meus: / Tem ainda os sinais de vir da mão de Deus*⁵³.

Compreendemos não ser matéria simples ir contra esta religiosidade estabelecida e, mesmo assim, conseguir a publicação dos textos, num tempo em que publicar não era tarefa fácil. Talvez por isso, tanto na Madeira como no resto do país, esta é [tem de ser] a espiritualidade vigente, se bem que, em alguns casos, nomeadamente junto de alguns modernistas e simbolistas, eivada de outros pensares e de outros sentires. Serão talvez estes *sinais da mão de Deus*, de que os poetas de fora já falaram, que fazem da Madeira, um “cantinho do céu”, como, muitas vezes, se ouve dizer ao povo, uma *sala de visitas que Deus colocou no coração do Atlântico*⁵⁴ levando João Eduardo Nunes a explicar a razão dos nomes dos dois primeiros neófitos na ilha – Adão e Eva – a partir da ideia de uma perfeição inicial, do princípio dos tempos - *a ilha guardava ainda a frescura divina dos dias da Creação*.⁵⁵

Na sua beleza, obra da criação de Deus, a ilha é um lugar magicamente etérea, abençoada, como cantam muitos autores⁵⁶. Entrar neste santuário é

51 OLIVEIRA, 1969, p. 64.

52 NASCIMENTO, 1933, p. 3.

53 CÂMARA, MCMXLIII, Citado por TEIXEIRA, 2005, p. 323.

54 NUNES, 1954, p. 55.

55 Idem, p. 19.

56 Veja-se, por exemplo esta estrofe, *Salve! terra d'harmonias, / envolta em candidos veus, / barpa de ethereas magias / tocada por mão de Deus*; (Coelho, 1896; p. 31) ou o excerto do poema de Luis da Costa Pereira, integrado na coletânea, *Flores da Madeira* (1872): *E fructos, e flores, / Os astros, os Ceus, / A glória, os amores / Tudo ha feito Deus / Para um ente só / Que criou do pó! / Isso tudo, e o mais sem limites, / Tudo e obra d'Aquella que te ama, / E que, finda a missão que te coube, / A gosar paz eterna te chama* (Oliveira, 1872: 194), em que a ilha é, uma vez mais, o Éden: *A nossa Ilha, paraíso terreal, transportado para o Atlântico pelo Criador, depois do pecado de Adão* (FREITAS, 1964, p. 22).

50 LAMAS, 1956, p. 92.

entender a presença de Deus: *Deus vem comigo na jornada. Não consinto a Beleza sem Perfeição. Não há Perfeição sem Divindade.*⁵⁷

Encontrámos, com clareza, este Deus católico, na grande maioria dos autores de entre meados do século XIX até aos anos 70 do século XX. É o caso de Joaquim Pestana (1840-1909), um romântico de quem o Visconde do Porto da Cruz escreve: *Em todas as suas produções, perpassa um sopro de Fé, arreigada de sentimentalismo profundo (...) paralelamente com um imenso desalento da vida* (Porto da Cruz, 1951:120). Talvez por isso, a sua fé se defina numa das muitas poesias com a temática religiosa: o Crente.

*O crente tem fé na vida
Tem n'alma condão e luz!
Vê nas flores o emblema
«Do sepulcro de Jesus!»*⁵⁸

Para o poeta, exatamente nos moldes do catecismo, Deus é o pilar, no meio do sofrimento da vida humana; ele é a fortaleza e a esperança. A imagem de Deus [omnipotente, onnipresente] reflete-se por todo o lado e, de uma forma particular, no espetáculo da natureza: nas flores, nas ondas do mar, no canto dos pássaros, nos sentimentos que invadem a alma do poeta. A poesia de Joaquim Pestana apresenta essencialmente o *canto da tradição cristã*⁵⁹. Num poema intitulado “Deus e amor”, publicado originalmente no *Diário da Manhã*, Funchal, de 15 de julho de 1882, o autor elabora uma série de questões – *Que te diz a natureza? (...) Que te diz a ingente vaga? Que te diz a noite escura?*, às quais responderá no último verso do poema – *«Deus e amor!»*⁶⁰, num discurso direto, assumido no texto poético, também a nível da pontuação.

Esta forma do texto, em que o poeta tece as perguntas cuja chave se apresenta no último verso, aparece num outro texto, chamado “Deus”⁶¹ em que os verbos que acompanham o “que” interrogativo são apenas “dizer” que aparece sete vezes e o verbo “sentir”, que aparece três. São exemplos disto, versos como *Que diz a trémula brisa (...)? Que diz a voz na porcelana (...)* ou *Que sentes na luz imensa(...)*? E res-

ponde: *que sentes? não te diz – Deus?*, respondendo-nos também à questão dos números: sete e três são os números da totalidade, de Deus, portanto, do Deus da tradição cristã que este e outros poetas escreveram, sobretudo na poesia do século XIX.

Bastaria fixarmos os nossos olhos no título da sua obra, *Espinhos e Flores*, para aí percebermos – na dicotomia dos nomes – a espiritualidade cristã: os espinhos protegem as flores, da mesma forma que a cruz salva a vida ou que a prova permite a purificação da alma, elevando-a até Deus, o que não é nada mais do que a ideologia cristã do sofrimento, da cruz salvífica.

A poesia de Deus integra-se também nas coletâneas – por onde se pode percorrer aquilo que Mónica Teixeira chama os *valores locais do Romantismo madeirense* (p. 47), que contém o sortilégio de uma ilha como a Madeira onde cabem sentimentos diversos e diversas intenções de escrita – emoção religiosa, hinos dedicados a personalidades, louvores, sátira e, até, uma tradução da ode “Deus” de Derjavin⁶², feita por João Nóbrega Soares, nas *Flores da Madeira*.

Este romantismo, que também está presente no Álbum Madeirense, coligido, em 1884, pelo poeta Francisco Vieira, mantém também o respeito pelos valores instituídos, mormente pela tradição cristã: É, pois, um romantismo cristão, restaurador, historicista e burguês⁶³.

Não obstante esta força da religião na sociedade madeirense e a sua transposição para os textos literários, sobretudo num tempo como aquele, num país como o nosso, aparecem-nos alguns autores – poetas mormente – com uma outra mística, com outras influências. Sem nos atermos em escolas literárias, talvez mais ligadas ao simbolismo ou ao modernismo, surge-nos, por exemplo, o poeta João Gouveia (1880-1947). Em *Atlante*, é a vertigem de voar, sem corpo, com a soltura dos espíritos livres, e poder reencarnar num ser volante, como se pode ler no poema “Garças Immortales”, cujos versos são citados por Mónica Teixeira: *Quando eu morrer na Terra, e voar o meu talento / Quizera nessa forma a reencarnação*⁶⁴. Talvez fosse o seu fascínio pelas aves, pela aeronáutica, por tudo aquilo que permite ao homem elevar-se da terra e, de algum modo, ter

57 NUNES, 1954, p. 48.

58 PESTANA, 2010, p.77.

59 TEIXEIRA, 2005, p. 63.

60 PESTANA 2010, p. 225.

61 PESTANA , 2010, pp. 157,158.

62 Gavril Romanovitch Derjavin (1743-1816), poeta russo, representante do Classicismo e político, tendo sido ministro da justiça no seu país.

63 TEIXEIRA, 2005, p.55.

64 Gouveia, in TEIXEIRA, 2005, p.85.

acesso ao céu. Talvez por isso, *essa forma* é a das garças que procuram um porto de abrigo junto das águas. Chama-lhes *transmigradas almas* que Teixeira interpreta como evocadora de um *sentido ocultista de eternidade do ser, através de uma libertação da terra*⁶⁵. O voo, a vontade de asas, *significa o acesso a um modo de ser sobre-humano (=Deus, mágico, espírito), em última instância a liberdade de se mover à vontade, portanto uma apropriação da condição de espírito*⁶⁶.

Aliás, João Gouveia revelou-se, ainda, um estudioso do desconhecido, tendo-se dedicado e divulgado a obra de Kardec (1804-1869) que preconiza a reencarnação das almas tantas vezes quantas forem precisas para evoluir para estádios mais avançados.

O mistério da morte - (...) *A morte não deve ser apenas uma determinação divina e cruel, como nós a vemos, perante a mocidade aceifada; deve ser também uma forma de Deus evitar vergonhas no mundo, atalhando-as a tempo*⁶⁷ -, a reflexão acerca do que se [eventualmente] se passa depois do chão é um dos temas literários mais “espiritualizados”, assim como a questão da alma, *Que queri dizer a pobre Ti’ana? Que Musguêta estava no céu ou que Deus não dorme? ... e daí quem sabe... Talvez que essa alma de fogo ansiosa das liberdades indefinidas, andasse apenas confundida, irmanada, fazendo parte daquele poente fulvo de poeiras vulcânicas dispersas*⁶⁸ e da procura de uma outra gêmea que a complete nos dias da vida, aquilo que Albino de Menezes evoca, tendo por base o seu fascínio pelas coisas do Oriente, quer em *A Noite Bizantina*, quer em *“Os Vagalhões do Amor”*, um texto escrito no *Diário da Madeira*, a 22 de maio de 1921: *Uma alma veio à terra e, bipartida, foi a um tempo integrar-se no meu e no teu corpo, resultando em duas vidas sempre iguais. Tu és a alma de mim e a minha alma igual à tua jaz no meu e no teu peito*(...).⁶⁹ Nestes casos, há uma “transcendência” que não sentimos colada aos valores judaico-cristãos do céu e do inferno, do credo na “ressureição da carne e na vida eterna”. Esta transcendência – que não nos parece típica de ser ilha – vamos encontrar em outros poetas como Cabral do Nascimento, por exemplo em *As Três Princesas Mortas*, em que, ao tentarem passar para

o sono da morte, experimentam vivências incomuns, uma viagem para outra realidade que ele nomeia “o distante” ou “o além”.

No entanto – porque é da espiritualidade insular que trata este texto – é da ilha *Magnífica, da adorável beleza que liturgicamente certas sagradas coisas transpiram, quando um qualquer perfume nelas esvoaça a sua asa nuviosa de lendas*⁷⁰. Diz Mónica Teixeira que, para Albino de Menezes, *a especificidade insular madeirense é um sentir e um saber que não se aprende mas que se transmite somente como um legado da tradição. É uma herança física e espiritual e, como tal reconhece a importância do inconsciente coletivo insular*. A ilha é uma “nação”, um santuário.

Porém, e isso é muito claro, em alguns dos autores que trabalhámos, é a mesma natureza – símbolo do paraíso inicial – que serve como meio usado por Deus, para castigar os homens: - *Mê filho, p’lui nossos pecados, Deus manda o temporal que estraga ei sementeiras*⁷¹.

Ao longo dos tempos, quase ciclicamente, algumas aluviões têm assolado a ilha. Esta questão tem sido tema literário, muitas vezes interpretado como castigo de Deus pelos vícios dos homens: *Funchal, triste Funchal, teus torpes crimes / Dezafião a Cólera Celeste*⁷², tendo sido esta a razão que o poeta encontrou para a aluvião de 1803. É a cólera de um Deus que se vinga dos erros do povo que não se arrepende dos seus pecados – *Teme o rigor d’hum Deos, que sem esp’rança / De emenda, móve a espada da Vingança*(...) / *A Cólera d’hum Deos, que tudo póde*.⁷³ Segundo Mircea Eliade, as tempestades e anormalidade dos fenómenos da natureza podem ser, muitas vezes, interpretadas como manifestações do sagrado. Na Madeira, são-no, de facto. Porque, sendo a natureza tão vizinha da vida humana, acaba por mostrar a sua *sacralidade cósmica*⁷⁴. É um “Deos terrível” que se revela com uma realidade diferente da das realidades naturais. Não se trata portanto de um Deus-ideia, uma noção abstrata, filosófica, é um Deus que – de uma forma concreta – em momentos de cólera se mostra ao homem. Esta ação divina, punitiva, é retomada nas escritas da Ilha, sempre que há dilúvios ou tempestades. O Feiticeiro do Norte in-

65 TEIXEIRA, 2005, p.85.

66 ELIADE, 1965, p.183.

67 FRANÇA, 1972, p. 95.

68 João Gouveia, «À borda d’água» in O Século, 1904, in AAVV, *Narrativa literária de autores da Madeira*, sec. XX (Antologia), Funchal.

69 citado por TEIXEIRA, 2005, p. 161.

70 Menezes, citado por TEIXEIRA, 2005, pp.172 - 174.

71 GOUVEIA, 1979, p.14.

72 VASCONCELOS, 1805, p.21.

73 VASCONCELOS, 1805, pp.21, 22

74 ELIADE, 1965, p. 26.

troduz assim, o relato em verso das inundações de 1895: *Desde o momento em que Adão / pecou contra o Creador, / fomos sujeitos á morte, / agros trabalhos e dores; / também a grandes castigos / porque somos merecedores*, concluindo, a fechar a descrição do temporal que *A Deus se deve temer / creia quem não entendeu*⁷⁵.

Deus é, então, apresentado em muitos textos publicados, como aquele a quem se dever “temer”, um pouco na linha do *Livro dos Provérbios* 1.7, que afirma que *O temor do Senhor é o princípio do saber*, interpretado à letra, com o sentido de “medo”, de forma a evitar o “pecado”, de algum modo veiculado pela religião, em expressões que o povo foi mantendo, “Nosso Senhor castiga-te” ou “Foi castigo de Deus”, ou, mesmo, acenando com o “fogo do inferno”, exponte máximo de castigo para as almas pecadoras.

Num romance perfeitamente contextualizado no tempo – século XVI – mas, nem por isso, desatualizado, João França explica donde vem a ideia deste Deus castigador:

*Ouvia ela os frades pregadores nos púlpitos das capelas da Calheta e até mesmo na grande igreja da cidade. Diziam-se continuadores de Cristo nos caminhos do mundo. Todavia, ameaçavam com o castigo eterno do Inferno as almas em pecado, esse mesmo pecado perdoado pelo Redentor às fracas mulheres simbozzadas por Maria Madalena. Fossem lá entendê-los! Andavam a condenar pecadores já perdoados pelo juiz supremo. Mentalmente, Isabel benze-se. Que Deus a perdoasse se acaso, assim pensando, pensava mal*⁷⁶.

À religião e aos seus sacerdotes, é atribuída a culpa pela imagem de um Deus justiceiro, de um Deus que se alimenta do medo do povo, como descreve Dalila Veras na “cena domingueira”: *Circunspectos, velhos e meninos / despertos pelo badalar dos sinos / acorrem ao templo – cumprem o rito / deglutindo hóstias e medos*⁷⁷. Esta será, pois, um modo de acalmar o medo, que, alguns anos antes, João França, salvaguardado pelo contexto do seu romance e tendo passado a responsabilidade para a personagem que teme o sofrimento e a morte que a peste traz, acaba

por fazer o seguinte exame de consciência: *Ímpio? Não. Levantara em suas terras de Santa Catarina e da Achada e pagara missas suficientes para sustentar uma dúzia de frades. Chicoteara escravos, era verdade. (...) O chicote tinha um sentido universal: o do interesse do senhor pelo escravo*⁷⁸, apacando, dessa forma, a sua consciência.

Fomos encontrando outras críticas, mais ou menos explícitas, a uma vontade que é mais do senhor do que do Senhor. Veja-se, por exemplo este outro excerto do mesmo romance: *Henrique e Diogo, agarrados às convenções de uma sociedade baseada na vontade de Deus, a qual para ser a plena expressão da autenticidade, era a vontade dos homens poderosos*⁷⁹.

Encontrámos referências mais ou menos expressas – sobretudo em autores do último quartel do século XX – a uma tradição vazia de sentires, a uma série de incompatibilidades e incoerências entre a palavra apregoada e a ação, assumindo alguns autores uma clara alusão a práticas concretas, a pessoas concretas, a ritos concretos esvaziados de sentido: *A fé desfila em ornatos / as suas bandeiras coloridas. / Prata e ouro / em pagamento das culpas*⁸⁰.

O Feiticeiro do Norte, na sua forma mordaz de dizer o que o povo pensa, também conta sobre esta ligação do clero com o dinheiro: *Também vejo em toda a ilha / reverendos anafados, / convertendo nossas almas/e perdoando pecados, / mas à força de dinheiro / dos vilõesinhos, coitados*⁸¹, aludindo a esmoelas, bulas ou indulgências que, durante muito tempo, faziam parte das obrigações de um católico. O poeta popular alude mesmo à compra da santidade: *o dinheiro que tu tinhas / eu levei ao senhor padre/ (...) Já tenho sete irmandades / e d’outro dia para cá / já entrei na santidade*⁸². É o *leiloar de mercês* que João França apontará no poema «Mosaico»⁸³, em que apresenta a humanidade afastada de Deus, em expressões – *Longe, bem longe a Pátria apetecida* ou *Longe, mais longe, o aceno da esperança*, ou ainda, num verso que justifica esta distância, *Tudo bem bem longe, quando ainda perto / o grito de Moisés: - Não matará!*.

78 FRANÇA, 1972, p.15.

79 FRANÇA, 1972, p. 94.

80 VERAS, 1989, p. 22.

81 GONÇALVES, 1994, p.65.

82 GONÇALVES, 1994, p.54.

83 FRANÇA, 2008, p. 19.

75 GONÇALVES, 1994, p. 128.

76 FRANÇA, 1985, p.39.

77 VERAS, 1989, p.22.

Num desabafo-quase-súplica, publicado no *Comércio do Funchal* a 20 de dezembro de 1934, o poeta levanta a voz, numa espécie de “J'accuse!”, direto, forte, corajoso: *Ouve-me, oh, Deus! Eu Te peço que me livres do mal. E sabes onde está o mal? Está naqueles que crêem cegamente que Tu fizeste o mundo em sete dias (...). Deus! Oh, Deus! (...) Te peço que me livres daqueles que crêem que tu estás no pão das hóstias e no vinho dos sacrários (...) Livra-me dos que crêem que Tu reges a natureza... Deus! Tu ouviste? Olha-me, fita-me e vê se me conheces. Eu sou aquele Crente, paladino do amor que encheu o mundo de esperança*⁸⁴.

De acordo com Mircea Eliade (1965), o cosmos des-sacralizado é uma descoberta recente na história e no espírito humano. As escritas do século XX – sobretudo as do último quartel [mais ou menos coincidente com o 25 de abril de 1974 e a consequente separação de poderes e liberdade de expressão] passam também por este processo de ausência do sagrado: ora circunscrita à forma como é tratada pelos ministros – nomeadamente os da religião católica, ora humanizando a figura de Deus: *o homem moderno a-religioso (...) não aceita nenhum modelo de humanidade fora da condição humana (...) O homem faz-se a si próprio, e não consegue fazer-se completamente senão na medida em que se dessacraliza e dessacraliza o mundo. O sagrado é o obstáculo por excelência diante da sua liberdade (...) Só será verdadeiramente livre, no momento em que tiver matado Deus*⁸⁵. Encontramos esta dessacralização no último verso do poema “E Deus chegou”, de José António Gonçalves, *e aí estranhamente amanheceu*⁸⁶, ou no Éden blues, de Laura Moniz em que o mito da expulsão do paraíso aparece como o começo do futuro, como uma libertação para a perfeição, como uma possibilidade de descoberta do outro, do amor e da natureza, livre do olhar de Deus: *adão abandonara o éden/ sem olhar para trás / eva aninhada nos seus braços (...) adão pensava / que texto ocultam os teus braços / que texto posso desenhar ao nascer do sol / que texto se escreve enquanto dormes / que nómade das palavras e sentidos/te descrevem como mel? // era a manhã do primeiro dia de colheita*⁸⁷.

João França põe-se no lugar de Jesus: *Fosse eu Poeta, como o foi Jesus*, assumindo este tomar conta

da vida e do destino: *Nenhum madeiro a ensombrar a glória / da fé na vida nossa e da vitória*⁸⁸; José António Gonçalves escreve sobre a vinda de Deus: *e deus chegou lento e cansado de ser deus ansioso / por encontrar a sua face humana entre os homens/ apenas homens /sem sequer repensar a sua condição divina*⁸⁹. Apesar de não se tratar, nestes dois casos concretos, daquilo que nos parece ser uma espiritualidade ou religiosidade específica do ser poeta insular, serve-nos para entender que a poética da ilha e a poética do mundo se diluem na escrita e nela se misturam, sendo a literatura um meio de incorporar a diversidade e a multiplicidade da vida e dos seus agentes. Esta libertação da divindade – por parte do homem e por parte do sagrado – é um caminho que encontraremos em outras escritas, de outros lugares, com outras espiritualidades.

CABRAL DO NASCIMENTO (1897-1978) e JOSÉ ANTÓNIO GONÇALVES (1954-2004)

[dois poetas. dois tempos. a liberdade]

Em dois momentos da história – também literária – estes dois poetas marcaram a vida cultural da ilha. A cada um o seu tempo, com as vicissitudes que ele traz. A cada um a sua missão. Com a ilha dentro. Como parte integrante da sua completude enquanto homens, enquanto artífices da palavra, enquanto criadores da Beleza.

João Cabral do Nascimento precisou sair da ilha para a viver. José António Gonçalves, não. Hoje, os poetas angustiam-se menos com a sua condição de ilhéus. Talvez a ilha os ilhe menos. Talvez o mar se abra mais, porque o ar ajuda nesta proximidade do mundo. Um e outro são, porém, poetas de mar e de silêncio.

João Cabral do Nascimento é um poeta do azul. O do mar e o do silêncio. O da ilha que, em grande parte da sua poesia, se assume Simbolista, naquilo que o Simbolismo tem de imaginário, de musicalidade, de manifestações místicas e sobrenaturais. José António Gonçalves também.

*Os poetas das ilhas adoram o mar,
o verde das montanhas, o olor das flores,*

84 FRANÇA, 2008, pp. 227, 228.

85 ELIADE, 1965, p. 210.

86 GONÇALVES, 1995, p.17.

87 AAVV, 2008, p. 131.

88 FRANÇA, 2008, p. 46.

89 GONÇALVES, 1995, p.17.

*distinguem as rosas dos malmequeres,
pintam barcos, atravessam desfiladeiros,
consomem manhãs e tardes de contemplação,
com o olhar preso à linha do horizonte.
Compõem os seus poemas sobre gaivotas,
penedias, calhaus, vales e primaveras,*

(José António Gonçalves

(inédito.27.05.04)

Há silêncios azuis no peito da ilha. Há silêncios de mar e de vento e da voz de um vulcão adormecido no coração da terra. Há palavras vestidas com o mesmo azul-inquieto⁹⁰ que nos fazem percorrer as suas procuras.

Em *As Três princezas mortas num palácio em ruínas* é a morte o pretexto para a evocação do maravilhoso popular: é um *Palácio* – ora em ruínas, ora em labaredas - são sombras - *Sombras que vão apagar-se / Em curvas surpreendentes*⁹¹ ou a *sombra azul dos seus beijos*⁹² ou mesmo *sombras perdidas no Longe*⁹³; é o Longe que, às vezes, é *Distante*, outras vezes, é *Além*; são as *torres de granito* que rasgam o negrume do céu, esses *fantasmas esguios* que transportam as dores do vento; são *traços de lume*; é o medo: *Este jardim não tem portas/ Para fugir! Tudo esguio. / Estátuas nuas...Que frio... / As rosas são todas mortas*⁹⁴.

Na sua procura pelo desconhecido, acompanhado pelas sombras negras das Três Princesas, as Três Graças antigas, as Três Veladoras do Marinheiro de Pessoa, o poeta recorre a um léxico evocador do fantástico e de alguma espiritualidade: incenso, gritos, rezas, silêncios, vozes. O poeta ouve vozes e vê o invisível que perpassa estes versos e, dessa forma, *recria um universo literário onde predomina o vago, o etéreo e o fluido, numa percepção apurada do fantástico e do maravilhoso*⁹⁵.

O mesmo Maravilhoso, encontramos-lo em *Além-Mar*. Desta vez, ligado ao mar e à gesta do Descobrimento. O oceano encerra uma dimensão metafísica; os Descobrimentos, por seu lado, estão subordinados ao sagrado: evoca-se a Senhora dos Milagres, a religiosidade própria dos mareantes, a noção de que cada homem e, neste caso concreto,

Zarco, tem uma missão a cumprir, pelo que o poema termina com uma ação de graças à Virgem. Este maravilhoso sagrado, ligado ao catolicismo é, nesta obra, contaminado pelo maravilhoso popular que se traduz em ecos dos monstros, dos gigantes, das se-reias e da coragem d'Os Lusíadas. Quando *a bruma aos poucos se descerra*, e a gaivota indica a rota a seguir, *fecham os olhos para ver melhor*⁹⁶ a terra que avistam ao longe. Eis que a ilha surge – também de dentro para fora, porque a ilha é um lugar de dentro e vê-se melhor de olhos fechados: *E então, é como um sonho, mas de-certo/ melhor que os outros*⁹⁷, porque (...) *teem perto/- como um côro suavíssimo de vozes – o vento nas ramagens e o concêrto / das águas(...) perfumes de resina, amenas ondas, altas montanhas (...) como encantadas flores*⁹⁸. Nesta descrição da terra encontrada, cheia de movimento, de sons e de perfumes, há, em discurso direto, uma frase que nos remete para uma conceção sagrada da natureza: - *Aqui, o Zarco diz, somos apenas/ os únicos humanos!*⁹⁹ No advérbio *apenas*, assume-se a pequenez dos humanos. Todo o resto é muito maior. A natureza é muito maior. O Tempo é muito maior. Deus é muito maior.

Em Cabral do Nascimento, a noção de Tempo e de Deus tocam-se, entroncam um no outro. O Todo. A Universalidade. Esta procura é uma das componentes metafísicas da poesia simbolista, que o poeta terá experimentado. Deus é o Tempo em estado puro. Na sua teoria, ao inventar formas de o guardar – em horas, em dias, em anos - os homens destruíram a possibilidade de o viver. No prefácio do *Cancioneiro*, João Gaspar Simões explica, desta forma o conceito do poeta: *Efêmero é para ele tudo o que vive, porque tudo o que vive vive no Tempo, e o Tempo, entidade metafísica, existiu outrora «inerte em derredor dos mundos». Foram os homens «para o destruir» que inventaram «as horas, os minutos e os segundos» (...) «Guardar o Tempo e destruir as horas» - eis, segundo o poeta, o escopo mais alto e inatingível*¹⁰⁰, ideia que o poeta plasmou nos versos: *Ah, não poderemos suspender o Tempo (...) Ah, não poderemos suspender a Vida!*¹⁰¹ ou *Fosse tudo como o Tempo / Que em toda a parte se encontra!*¹⁰². Deus.

90 NASCIMENTO, 1941, p. 5.

91 NASCIMENTO, 1941, p.12.

92 NASCIMENTO, 1941, p.15.

93 NASCIMENTO, 1941, p. 15.

94 NASCIMENTO, 1941, p. 9.

95 TEIXEIRA, 2005, p.209.

96 NASCIMENTO, 1933, p.11.

97 NASCIMENTO, 1933, p. 12.

98 NASCIMENTO, 1933, pp. 11, 12.

99 NASCIMENTO, 1933, p. 12.

100 Simões, in NASCIMENTO, 1963, p. XXVII.

101 NASCIMENTO, 1963, p.12

102 NASCIMENTO, 1963, p.110.

O poeta procura-se, nesta procura do Tempo; procura quem é: *Não sou. Ou fui ou serei. Se ao menos tivesse fé!*¹⁰³ Reconhece assim que, com fé, essa busca seria mais fácil, ou faria mais sentido, porque, diz, *Quero é fugir de mim!*¹⁰⁴

Procurar o Tempo é procurar o Infinito, o in-espaçial, o que está para além de si, para além da dor, para além das amarras da mortalidade: *Ser imortal e estranho à dor! / Não ter princípio, não ter fim... / Não ter pecados*¹⁰⁵. A Perfeição. O que ainda não é e, por isso se procura. O que não se encontra nos caminhos da vida: *Onde quer que se for, / Há sempre mais além, outro lugar melhor*¹⁰⁶ ou, ainda, *Mas a vida melhor é feita de amanhã.*¹⁰⁷

Apesar de afirmar que *O homem criou Deus à sua imagem/ E assim o limitou*¹⁰⁸, fechando-o na sua pequenez, o poeta evoca-o, em muitos momentos da sua poesia. Chama-lhe Deus, Infinito, Eternidade, Luz, Certeza, Beleza, Verdade. Assim: *os outros, todos esses que não ouvem / o que dentro de si fala tão alto/ (...) Longe do mundo e espírito somente, / quanto mais junto fôr de Deus, mais perto / verei o que é a beleza e o que é a verdade*¹⁰⁹. Está aqui a liberdade do poeta, neste “longe do mundo” e “espírito somente” que só a poesia lhe pode trazer, pela harmonia, pela plasticidade das suas imagens, pela magia do ritmo, pela *sacralização da palavra poética*¹¹⁰. É através dela que Cabral do Nascimento tenta captar o instante eterno. E isso só a ilha lhe pode dar, *imóvel neste cálice de rosa*¹¹¹.

A abrir o seu *Cancioneiro*, um *Cair da Tarde* revela a sua condição de exilado geográfica e espiritualmente, de quem vive cercado por mar e convive continuamente com as forças da natureza: com a água, com o vulcão com a humidade, com o nevoeiro, com a flora, com a serra, com o isolamento. A ilha leva o sujeito à meditação. Mesmo longe – e Cabral do Nascimento viveu no continente – o poeta continua ilhéu, ilhado num passado rodeado de mar por todos os lados. À distância, a ilha fica mais perto, porque dentro dele. A sua inspiração acontece pela imagem

da distância: *Perto de ti...Perdido na distância... / O mesmo encanto unido à mesma ânsia...*¹¹² O insular transporta sempre a ilha consigo, *(...) em que lugar eu fosse? / Em que terra estivesse? A mesma doce / e amarga chama verde que em mim arde!*¹¹³

A ilha permanece. A natureza da ilha acompanha o poeta. Nela procura a paz da infância, a saudade, o passado.

De acordo com Alberto Figueira Gomes, é nas Fábulas que Cabral do Nascimento interroga a natureza, a sua vida animal, revela símbolos, cria jardins feéricos de cor, segue o voo dos pássaros, porque se trata de *um poeta para quem o horizonte é o próprio Universo. Para ele, não há o inanimado*¹¹⁴ e isso só compreende que vive numa ilha, lado a lado com os elementos, com os seres, com as cores e com os caprichos do mundo natural. O poeta é um ser entre os outros: *ora flor, ora pássaro, ora homem, ora Ícaro sou. Erguendo-me no espaço/(...) / Prendo o Infinito num ligeiro abraço. / Em minhas mãos sustenho a Eternidade*¹¹⁵. E ela só existe nas flores, nos pássaros, nas pedras, nas águas, no nada. O poema “Louco serei”¹¹⁶ é disso prova. O poeta é irmão do mar¹¹⁷, do espaço, do vento, das brisas, da ilha e do que ela contém. E tem fome de Além, como as crianças e os insetos da Fábula.

Cabral do Nascimento é um ilhéu. Isola-se da ilha e encontra no bulício da capital a alma que trouxe consigo, ilhada também. A sua espiritualidade centra-se, portanto, neste estar, mesmo não estando. É lá a fonte da sua poesia, essa qualquer coisa que *não é sonho, nem é vida/ É qualquer coisa ainda de melhor*¹¹⁸.

Para José António Gonçalves, a poesia está onde o poeta estiver, porque *o poeta é um habitante do lugar (...) é um ser livre de todas as amarras. O seu dever principal é o de não se deixar sujeitar a outras escravizações que não sejam a elaboração do seu poema*¹¹⁹. Daí a liberdade que preconiza. A espiritualidade de José António Gonçalves centra-se no poder que a palavra lhe traz e que advém da ilha: é o poder da água, do vento, das nuvens, é o poder do mar : o

103 NASCIMENTO, 1963, p.61.

104 NASCIMENTO, 1963, p.118.

105 NASCIMENTO, 1963, p.30.

106 NASCIMENTO, 1963, p.117.

107 NASCIMENTO, 1963, p.128.

108 NASCIMENTO, 1963, p.96.

109 NASCIMENTO, 1963, p.14.

110 TEIXEIRA, 2005, p. 235.

111 NASCIMENTO, 1963, p.12.

112 NASCIMENTO, 1963, p.3.

113 NASCIMENTO, 1963, p.3

114 GOMES, 1993, p.37.

115 NASCIMENTO, 1963, p.33.

116 NASCIMENTO, 1963, pp.131, 132.

117 Solilóquio, NASCIMENTO, 1963, p.20.

118 NASCIMENTO, 1963, p.62.

119 AAVV, 2001, p. 28.

poeta Ama a terra, o céu, o sol ou a lua, uma mão cheia de estrelas, talvez uma árvore ou uma flor, um lar onde cresceu, uma rua sem saída, provavelmente canta uma paixão, adora uma divindade, discorre sobre o tempo, rios, nuvens, cercas, vinhedos, noites quentes e dias frios, um abraço amigo, tece loas à paz e abomina a guerra(...) A sua estrada é a poesia por onde caminha; o seu horizonte – o ponto final a encerrar o próximo poema¹²⁰.

A ilha é o poeta, o coração do poeta: *meu coração é de pedra/ dura. cinzenta. vulcânica*¹²¹. De vez em quando, nos seus versos, aparece Deus, apesar de, muitas vezes, destituído da sua humanidade, *lento e cansado de ser deus ansioso/ por encontrar a sua face humana entre os homens/ apenas homens*¹²². É um Deus que, no exercício da sua divindade, impede o homem de pensar, de criar, de saber. Só o silêncio de Deus é produtivo para o poeta:

*e assim foi dormindo ao som das suas palavras / enquanto em seu redor os escutantes despertavam / na alegria de pensar e querer saber / um pouco mais do que poderia /ser dito / e aí estranhamente amanheceu.*¹²³

A presença de Deus, encontra-a o poeta naquilo que a ilha lhe oferece: diz que o vento é a pena de Deus, o poeta ou o pintor. Na sua mão, o poder de criar e de destruir: *os deuses são apenas naturais (...)/ porque criar e destruir é a brincadeira deles / - os deuses são crianças no poder*¹²⁴.

José António Gonçalves é um homem de dúvidas: a da salvação, por exemplo. E defende o fim do mistério: *Abram-se as portas. Sim, abram-se as portas translúcidas / do paraíso. colham as maçãs. é preciso amá-las, protegê-las, / encantá-las nas mãos puras dos anjos. Cuidem da tentação / dos demónios e suspirem ...*¹²⁵

Num poema intitulado «Onde está o riso?», o poeta confronta-nos com a sua visão da igreja católica em que, do seu ponto de vista, os ritos e a vida não se encontram. Uma série de questões são colocadas, no sentido de mostrar que os caminhos de Deus e os caminhos dos homens não são os mesmos: *Haveria*

*lugar na estrada / para o riso? O adro receberia / a pomba branca do Espírito Santo? / Onde andaria Deus no desencontro/ do infiel com o ecoar perdido das orações? (...) Onde mora a resposta para a cura, / a mão que voa sobre a dor, / palavra que aquece na sombra, / que esfria o sofrimento, o abraço ...*¹²⁶.

A sua é uma espiritualidade de artista, a dos poetas, a dos atores, a dos transformadores das coisas menores / em obras extraordinárias, as obras únicas, a dos criadores de alegria.

Tocam, neste ponto, os dois poetas. A alma do artista é demasiado grande para caber dentro das regras, dentro de uma religião. A ilha ganha, para os dois, o carácter de coisa maior: *É uma ilha, atlântica, (...)/ (...) / É esta a jangada que, gravada sob as nuvens / de algodão, é nó de madeira, como um coração / amável, amalgamada em laurissilva e penedias;/ é a minha sina voluntária e segura, o cântico / que aprendi de pequeno, para entoar toda a vida. / Trago-a comigo, silenciosamente, sem que ninguém / saiba, bem aferrolhada ao peito, todos os dias*¹²⁷.

E não é preciso mais nada.

TÓPICOS PARA A COMPREENSÃO DA ESPIRITUALIDADE ILHOA:

a criação

A criação do mundo torna-se arquétipo de todo o gesto criador humano, seja qual for o seu plano de referência.

ELIADE, 1956, p.58.

A poesia tem em si algo de divino, de verdadeiro milagre - poetar é *uma arte superior, quando elevada pelo talento consciente do artista*¹²⁸. Nesta conformidade, é Deus, o Poeta Maior, um Deus Criador, fazedor de todas as coisas da vida do homem: *não discuto: Deus faz a terra / o homem um pedaço de pão uma casa fria/ a cama onde a mulher se deita / e os filhos esvoaçam*¹²⁹. O ato de criar é um ato divi-

120 AAVV, 2001, p. 29.

121 in Antologia escritas Nº1.

122 GONÇALVES, 1995, p.17.

123 GONÇALVES, 1995, p. 17.

124 in Antologia escritas Nº1.

125 GONÇALVES, 2000.

126 IDEM.

127 GONÇALVES, 2002.

128 João França, in Eco do Funchal, 1982, in França, 2008, p. 6.

129 GONÇALVES, 1988, p. 30.

no. (...) é fácil penetrar no além. / Basta só, para isso, ser Poeta: / possuir uma vista como ninguém tem, / e a asa inquieta (Marialva)¹³⁰. O poeta vê para além do horizonte que a ilha conhece tão bem e, como todos os ilhéus, tem o desejo de voar, de ir para fora das fronteiras da terra.

O ato poético revela-se, assim, um momento sublime de ligação com o divino, o que leva, por exemplo João Brito Câmara a iniciar, desde modo, o poema, «Confidência»: *Senhor! / Por vezes/Tenho medo de criar, / De atraiçoar/ O dom que em mim puseste.*¹³¹

As palavras são a matéria-prima do ato da criação do mundo. O “Faça-se” guarda toda a energia inicial. O poeta, nestes versos, revela-se o “ajudante” da criação do mundo e, tal como Deus, depois de observar a sua obra, descansa – ao sétimo dia – com a missão cumprida, porque o sétimo dia é o dia da completude, o dia em que as metáforas aquecem e aconchegam a obra feita: *Com um poema ajudei a construir / o mundo. Meu amor./Finalmente, descansei,/ao sétimo dia,/ aconchegado pelo calor / das metáforas*¹³².

A poesia abarca uma vertente quase-sagrada e confere aos poetas o estatuto de seres para-além-dos-homens capazes de aceder – pelo poder que a palavra lhes confere – a um mundo que apenas aos mesmos é revelado. *Queria dizer-lhe que a Poesia é a expressão excelente da interferência dos Deus na História e o Mito, a forma poética de contar a mesma história*¹³³, há de escrever Irene Luciília Andrade, na carta-incip do livro *Protesto e Canto de Atena*.

A servir de ilustração – ao contrário, na medida em que o texto pode ilustrar a imagem – a um álbum fotográfico das imagens da célebre Lapinha do Caseiro (presépio de Francisco Ferreira, que reunia uma série de imagens, entre representações bíblicas, personagens e figuras típicas madeirenses, motivos paisagísticos e artefactos da ilha), um poema de Herberto Helder estabelece, de um certo modo, a relação entre o homem e Deus, mais concretamente entre o criador e o Criador. Deus é “potência”, unidade rítmica, energia criadora, portanto. Entre o artista e Deus, a igualdade: “conversar com”, uma “conversa de ida e volta”: *Será que Deus não consegue compreender*

*a linguagem dos artesãos? / Nem música nem cantaria./(...) / O homem não é uma criatura entre mal e bem: falava-se com Deus / porque Deus era potência, Deus era unidade rítmica. / (...) / Sento-me a conversar com Deus: palavra, música, martelo/ uma equação: conversa de ida e volta*¹³⁴.

O poeta – o artista – é um ser espiritualizado, um ser de procuras e de caminhos buscados, encontrados, perdidos, reconfigurados. Essa é condição da poesia. E dos poetas. Uma espécie de magia que a força criadora da palavra lhes outorga. E o poema – deixarei a quem sabe a definição – *o poema é um exercício de dissidência, uma profissão de incredulidade na onipotência do visíveis, do estável, do apreendido. O poema é uma forma de apostasia. Não há poema verdadeiro que não torne o sujeito um foragido. O poema obriga a pernoitar na solidão dos bosques, em campos nevados, por orlas intactas. Que outra verdade existe no mundo para lá daquela que não pertence a este mundo? O poema não busca o inexprimível: não há piedoso que, na agitação da sua piedade, não o procure. O poema devolve o inexprimível. O poema não alcança aquela pureza que fascina o mundo. O poema abraça precisamente aquela impureza que o mundo repudia.*(Tolentino Mendonça)¹³⁵. Talvez para a purificar.

Talvez por esse motivo, a ilha é um lugar de poetas. Porque próxima da criação. Porque na redondura do lugar se concentra o Universo. Com tudo dentro: terra, água, ar e fogo, com sonho, desencanto, lendas e romances.

Irene de Mendonça e Freitas fala de raiva e de dor, de angústia e de encanto, de trevas e de luz, porque *A Minha Ilha foi um descuido dos deuses*.¹³⁶ Se nos centrarmos em «Câmara de Lobos», *a enseada do impossível*¹³⁷, todo o imaginário insular está ali representado e, com ele, aquilo que nos parece ser a espiritualidade ilhoa e, mais especificamente, madeirense: uma mistura de pensares e de sentires e de compreensões do mundo e de posições do homem face ao Transcendente. Vejamos: primeiro, o tempo, *que nada se repete, nem por dentro, nem por fora de nós; todos são instantes únicos, imutáveis e diversos*, depois, os mitos – *surge D. Sebastião com a sua corte; Tangem os sinos (...) pela nossa espe-*

130 Octávio Marialva, “Além”, citado por TEIXEIRA, 2005, p. 272.

131 Citado por Teixeira, 2005, p. 331.

132 GONÇALVES, 2000, p.10.

133 ANDRADE, *Protesto e Canto de Atena*, p. 7.

134 Herberto Helder, in FERREIRA, 2008.

135 MENDONÇA, Tolentino, 2005, A Estrada *Branca*, Assírio e Alvim.

136 FREITAS, 1994, p.10.

137 FREITAS, 1994, pp. 11-15.

ra; é a esperança; são as lendas das feiticeiras, das suas procissões de luzes, dos seus passeios que em segredos rituais contam as histórias de amores, de rixas de despachos; são os segredos que a ribeira guarda e que depois entrega ao Mar [assim maiusculado, como se se tratasse do deus], que até é chamado *aquele judeu, dantesco soberbo(...) traíçoeiro, belo* é um miúdo semi-nu, *um Menino Jesus roubado* à Capela de Nossa Senhora da Conceição; é a luz, que essa sim, *é sempre a mesma*; é a viela onde todos os mistérios se condensam: as trevas e a luz, o Bem e o Mal. A viela é a ilha. E o mar, a grande angústia do ilhéu, *A Grande Raiva, A de termos nascido Humanos e Divinos*¹³⁸. Talvez seja essa a grande inquietação de quem vive num espaço total, como é o de uma ilha. Talvez a descoberta do infinito e da eternidade no finito da terra – *as aves disseram onde estava a eternidade quando voltaram ao fim da tarde*¹³⁹. Para onde vá, o ilhéu é sempre da ilha: *eu sou deste lugar/ não poderei ser senão este lugar*¹⁴⁰. O ilhéu é a ilha.

o sacrário: na casa, na ilha

*neste templo
os deuses
da inquietação
ficaram mudos*

(Fernandes, 2003:73)

A ilha é muitas vezes entendida pelos autores que a escrevem e que a vivem, como um lugar sagrado - casa, concha, regaço da mãe, um lugar de completudes, de perfeição, um espaço onde [ainda] é possível a comunhão entre o homem e a natureza - *Anda o ar repassado de fragrâncias que existem porque existimos, que são matéria da própria vida, sensações despertadas da sua natureza dormente. E o aroma vive em nós e está fora de nós, é ser do Universo, necessário a outros seres, é parte da unidade que tudo engloba*¹⁴¹. Dela, o homem retira o pão e o que é preciso: - *Com a graça de Deus somi felizes. A fazendinha dá o comer. Têmi saude. Que queremi*

*mais?*¹⁴² Na ilha, a natureza cuida do homem. Como Deus. Como dádiva de Deus. Como presença de Deus: *O artífice não se vê. Sabe-se apenas que vem com a Primavera e o seu vulto vaporoso anda a percorrer as serras e a criar beleza palpável, concreta, que se impõe, evidente, pelos matizes*¹⁴³.

Talvez em nome dessa consciência cósmica, se encontram autores insulares que escrevem a ilha, espiritualizando o tempo e os espaços que a compõem, apelando às raízes, procurando a casa, evocando o telurismo como se de uma religião se tratasse, sendo adoradores da natureza – do chão e do sol, das árvores e dos pássaros. Revestimos Horácio Bento de Gouveia deste papel de retratista da alma de um povo que vive lado a lado com o serra e com o mar: *Interrogar a natureza é conversar com ela*¹⁴⁴ ou ainda *A alma visionária da família rústica tem raízes ancestrais*¹⁴⁵. Por isso, sabe ler os ventos e as marés, conhece as cores do sol quando se põe: *Regresso à vida que começa. Deixo-me imergir na simpleza rústica de um tempo que já foi. O espírito retrocede. O mundo está ali, figurativo, na imagem do homem a cavar a terra, absorvido na esperança da semente que há de germinar e produzir colheita*¹⁴⁶.

Já João Brito Câmara, no seu *Auto da Lenda*, fazia evocar este repositório de maravilhas ancestrais, um lugar-outro, fora do território do mundo, feito de *vulcões intensos que matam*, e que, por causa disso, se torna um lugar com alma própria. Neste texto, a ilha é entendida como o lugar da eternidade, o céu, se quisermos, o lugar onde, finalmente, os dois amantes, encontram a felicidade depois de terem feito a viagem, no sentido literal, feita de mar e de tempestades, mas, sobretudo interpretada como percurso iniciático. Não é por acaso que a ilha se esconde atrás de um *espesso negrume*, da bruma que esconde os melhores lugares. Não é por acaso que *o homem que ali revolve o solo participa de quadro bíblico. (...) A gente da aldeola encafurnada no seu casulo, atenta ao eco do vulcão diz, de si para si, que o poder de Deus é grande. Sempre considera a sua insignificância perante o Ser superior que existe estranho à imaginação, outrora criadora dos muitos Vulcanos, divindades necessárias porque elas manifestavam os fenómenos naturais, mas de causa mis-*

138 FREITAS, 1994, p. 24.

139 SOUSA, 2008, p. 22.

140 SOUSA, 2008, p. 36.

141 GOUVEIA, 1966, p. 105.

142 GOUVEIA, 1966, p. 208.

143 GOUVEIA, 1966, p. 146.

144 GOUVEIA, 1966, p. 288.

145 GOUVEIA, 1979, p.14.

146 GOUVEIA, 1966, p. 267.

teriosa¹⁴⁷.

A ilha é o *santuário* de Irene Lucília Andrade, o lugar onde se guarda o coração da casa, o lugar do altar de dentro, o lugar que simboliza o mundo, *este círculo de assombros, esta pátria bucólica e solitária*¹⁴⁸, um lugar que se esconde no abrigo quase uterino da ilha: *existe eu sei/ um veio algures/um solidário fio de águas doces*¹⁴⁹. A ilha é o princípio de todas as coisas, o lugar original.¹⁵⁰

O regresso à ilha – apesar das múltiplas viagens que um destino insular exige, um *destino atlântico/ continuamente inelutável e atlântico*¹⁵¹, *havendo embora outros lugares*¹⁵² – é a única possibilidade de salvação: *o permanente regresso/ à condição de eternidade*¹⁵³. Só na ilha, o círculo se desenha, perfeito, trazendo a voz de dentro da terra: *é dentro que se abrem os largos horizontes/ é dentro que os centros se multiplicam*¹⁵⁴, concêntricos, uma espécie de anéis que, como acontece com as árvores, marcam a idade da alma do ilhéu. É lá dentro que se guarda, então, a sua verdadeira espiritualidade – *o meu acervo vem de dentro / tudo o que resta deste lugar vazio*¹⁵⁵ e é isso que lhe permite sobreviver às tempestades: *inviolável imagem/do que por dentro sou/e me perturba//do que por dentro me abala/e me sustenta aquém das tempestades*¹⁵⁶.

É assim a casa – raiz da poesia. E da ilha. Eterna. Porque lugar do coração e do tempo sem fim. Irene há de escrever que *só aqui nos inclinamos /para nos vermos dentro*¹⁵⁷. Só então o poeta da ilha pode escrever[-se] e ser verdade: *o que escrevo vem de mim*¹⁵⁸.

O eterno retorno – *tudo outra vez se parece / com a hora em que acabámos de nascer*¹⁵⁹. A casa – ou a ilha ou a raiz da poesia ou *este estar algures*

*/ entre a montanha/ e o poço*¹⁶⁰ – é o lugar do rito, o altar do sacrifício, o Mito, no sentido que Mircea Eliade outorga aos lugares onde dorme o princípio das coisas, o sacrário, o Centro do Mundo, portanto.

De um certo modo, mesmo na escrita dos autores que se consideram mais livres, na medida em que se reconhecem únicos agentes da sua história, há lugares sagrados dentro do seu Universo privado: a ilha, a casa, a infância [revestida de lugares próximos da pureza inicial]. Veja-se, por exemplo, José Agostinho Baptista e a sua nostalgia do tempo perdido, do espaço que já não é: */ as pequenas laranjas antigas o verdadeiro mar*¹⁶¹.

a água sacramental da ilha

*não fossem as ribeiras
não saberíamos das mulheres
e esta água térrea não chegaria aqui
com o estrondo das profundas tragédias
gravando o sulco por onde escorre misterioso
o fluxo uterino da serra*

(Andrade, 2002, p.18)

Numa ilha como a Madeira, a água é um elemento fundamental na compreensão da espiritualidade dos autores da ilha. Ela é a razão da fertilidade da terra e do verde das paisagens; ela é fonte, lagoa, ribeira, chuva, mar. Seguir as linhas de água, na literatura de dentro da ilha, é tocar em todos os autores – arriscamo-nos a dizer sem exceção, porque as palavras criadas na ilha assumem, naturalmente, as suas formas. Uma passagem rápida pela entrada “Água”, no *Dicionário dos Símbolos*, permite-nos perceber que este elemento – do mesmo modo que a terra, que o fogo ou que o ar, abre uma *infinidade de possíveis*.

Se atentarmos à literatura que se fez na Madeira ao longo dos séculos, percebemos que a água se reveste quer de energia criadora – enquanto nascente, enquanto fonte, enquanto benção do céu – quer de força destruidora, sob a forma de aluvião, de tempestade, de mar alteroso.

147 GOUVEIA, 1966, p.17.

148 ANDRADE, 2002, p. 84.

149 ANDRADE, 2002, p. 17.

150 BACHELARD, 1985, pp. 11,12 : *le pays natal est moins une étendue qu'une matière; c'est un granit ou une terre, un vent ou une sécheresse, une eau ou une lumière. C'est en lui que nous matérialisons nos rêveries, c'est à lui que notre rêve prend sa juste substance, c'est à lui que nous demandons notre couleur fondamentale.*

151 ANDRADE, 2002, p. 37.

152 ANDRADE, 2002, p.39.

153 ANDRADE, 2002, p.43.

154 ANDRADE, 2002, p.91.

155 ANDRADE, 2002, p. 90.

156 ANDRADE, 2002, p. 56.

157 ANDRADE, 2002, p. 56.

158 ANDRADE, 2002, p. 100.

159 ANDRADE, 2002, p. 101.

160 ANDRADE, 2002, p. 9.

161 BAPTISTA, 2000, p.27.

Apropriamo-nos, então, do poema de Rosa Lobato de Faria: *De todas as palavras escolhi água, / porque lágrima, chuva, porque mar / porque saliva, bâtega, nascente / porque rio, porque sede, porque fonte. / De todas as palavras escolhi dar*¹⁶², porque esse é o caminho das escritas da ilha, apesar de, em muitos casos, tratar-se não de água mas de águas – pluralizadas na abrangência que derramam nas palavras que contam da alma da ilha, aqui porque nuvem, porque chuva, porque fonte, porque ribeiro, porque choro, porque mar: *tudo eram águas/ que enchiam a concha amniótica / das tuas mãos*¹⁶³. A água simboliza o princípio do tempo, o *in illo tempore* que representa a soma universal das virtudes¹⁶⁴.

Para os poetas da ilha, a água tem poder, dá a vida e traz a morte, purifica e salva. Sob a forma de mar, abre e fecha as portas da ilha, é, no dizer de Maria Lamas o *horizonte de todos os ilhéus*, moldando-lhe a vida, o pensamento e os sentires. Cabral do Nascimento fixa a relação do poeta com o mundo, no mar: *Da janela do meu quarto eu via o mar/ (...) // Eu via o mundo no horizonte azul / Do meu quarto que dava para o mar*¹⁶⁵.

A espiritualidade insular madeirense reveste-se, assim, de água: as ribeiras são o sangue da terra, a fonte da vida: *de qual das águas sou/ ou venho / e me despenho?*¹⁶⁶, perguntará Irene Lucília, porque ela é o alfa e o omega. Porque, por vezes, a ilha tem medo, quando rebentam as águas à montanha e ela vai parindo paus, pedras, restos de casas, restos de colheitas, empurrando a vida para o mar.

A água que, na ilha, causa, a espaços, destruições, é um dos lugares da literatura madeirense:

*Aí vinha a chuva, dias seguidos a cair do céu a alagar os caminhos, a encher as levadas, a engrossar as aguagens, a formar corgos, a avolumar ribeiras, a provocar quebradas. E a a chuva às bâtegas, vergastada pelo vento, desabava do céu, copiosa, torrencial, com fragor.*¹⁶⁷

Já o encontrámos como castigo divino, em autores tão diferentes como Francisco Paula de Medina

e Vasconcellos - *Voem Preces aos Ceos, cruzando os ares, / Em quanto o Deos terrível não sacóde/ Sobre ti mais Diluvios, que te alaguem*¹⁶⁸ ou, muito mais perto de nós, em Horácio Bento de Gouveia - *Foi castigo de Deus . Tirara-lhe a cerca e a ribeira levava-a.*¹⁶⁹, mas já o encontrámos também como poder de criaturas demoníacas :

*Que a aluvião de 1803 não fora mais que a soltura e uma proeza do Cavalão que andara numa correria diabólica, desencadeando os elementos da Natureza, por todo o profundo vale de Machico, coriscando, trovejando, inundando, arrasando, destruindo e matando, na sua apocalíptica passagem e só respeitando a veneranda imagem do Senhor dos Milagres, que, como se sabe, depois foi recolhida, no alto mar, por uma galera americana*¹⁷⁰.

A literatura plasmou esses gritos que se confundem: pede-se à natureza que sustenha as águas que se despenham, pede-se a Deus que guarde as gentes e as terras e as casas, atiram-se objetos sagrados para aplacar a fúria das ribeiras. Num dos *Contos e Narrativas de Natal*, Reis Gomes, narra o dramatismo da enxurrada em que *a torrente crescia a olhos vistos, tendo já varrido alguns quintais julgados pelo esquecimento de um ano ao abrigo das enchentes (...). passou-lhe pela mente esta crença muito velha e arreigada nos habitantes marginais: «lançando-se na enchente uma relíquia ou coisa benta, sossega mais a tempestade; atirando-se-lhe a imagem da nossa devoção, as águas baixam imediatamente.»*¹⁷¹ É então que o moleiro, vendo em perigo a sua casa e a sua família, *arranca num ímpeto o Menino [Jesus] de cima da peanha e, (...) tremendo como se cometesse um crime, ergueu a imagem à altura da sua boca, beijou-a enternecido numa despedida última, e, debruçando-se sobre o muro, lançou-a resolutamente no abismo*¹⁷². Diz o autor que a tempestade passou...

A voz dos poetas da ilha despenha-se da serra, às vezes com o *estrondo das profundas tragédias*, como se lhe refere Irene Lucília Andrade, outras com a doçura materna da nascente. Nas levadas, corre o sangue da terra. A pergunta metafísica do poeta é a busca quase cosmogónica do insular, uma espécie de

162 FARIA, 1987, p. 17.

163 ANDRADE, 2002, p. 50.

164 Cf. Mircea Eliade (1956)

165 NASCIMENTO, 1963, p. 74.

166 ANDRADE, 2001, p.32.

167 GOUVEIA, 1975, p. 283.

168 VASCONCELLOS, 1805, p. 22.

169 GOUVEIA, 1975, p. 269.

170 FREITAS, 1964, p. 105.

171 GOMES, 1935, p.80.

172 GOMES, 1935, p.81.

projeto de vida, o que lhe *acompanha o sangue*, a necessidade de chegar *ao princípio das coisas*¹⁷³. Daí a pergunta onde nos parece assentar a sua espiritualidade: *alguém conhece/ o lugar exacto / de onde se soltam as águas?*¹⁷⁴. Do aguaceiro ou das lágrimas, da montanha ou do fundo da terra? Porque a ilha é uma concha líquida / onde pouco a pouco guardo a alma¹⁷⁵. A do poeta. A da ilha. *Fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência*¹⁷⁶.

A água da ilha purifica. Talvez seja essa a função das aluviões: *o lado oculto do temporal / nada almeja a não ser a doce calma / o contrafeito ser/ a face humedecida / reconfortada de brisa / e nevoeiro*¹⁷⁷. Trata-se de um dilúvio batismal: da morte ao renascimento. A ilha torna-se, assim, um cofre. É nessa concha líquida que se guarda a espiritualidade dos insulares.

E, depois, há o mar. Talvez a primeira forma da alma de um ilhéu. Não há poeta da ilha que não escreva o mar e nele ame *o infinito/ das marés finitas*¹⁷⁸. Talvez porque evocador de viagens, de sonhos e de imensidade. Talvez por ser lugar de silêncios - *Entre os ilhéus e o mar há secretas afinidades como há secretos ressentimentos*, como escreveu Maria Lamas. Têm o mar aos pés, porta de entrada e possibilidade de saída. O balcão da ilha abre-se sobre o mar. É de lá que espreita a lonjura e sonha com o mundo que mora para além do horizonte. Porque é lá que começa o mundo, o outro, o que não se aninha no coração redondo da montanha. Um ilhéu faz parte do chão. É prisioneiro da ilha, mas é marinheiro também. Vive deste constante diálogo entre a rocha e a maré que Fátima Dionísio definiu assim: *Eis o lugar onde acaba a solidão / O mesmo onde a ternura se comove/ Dos telúricos diálogos / Da terra com o oceano*.

Ao cais da ilha, chegam rumores de mar. O ilhéu conhece-lhe a força e a riqueza, conhece a ferocidade das ondas que explodem nas escarpas, conhece a meiguice com que embala os barcos que enfeitam a noite de luzes miudinhas. Mas conhece-lhe também a raiva que engole os pescadores que precisam de o desafiar para poder sobreviver.

A memória da ilha embarca no sonho das caravelas antigas, enfunadas com o vento verde da flores-

ta, temperadas com a doçura velha do açúcar e com o perfume dourado do vinho. O mar da ilha é um mar de partidas e de regressos, é um mar de vida e de morte, é um mar de futuros e de tragédias. É vizinho de porta, parceiro de dores e de alegrias, de paixões e desencantos. Às vezes, é cerco e faz da ilha uma prisão, outras vezes, é esperança e caminho novo. Além disso, *O mar de tão antigo/ fala a linguagem dos deuses*¹⁷⁹. O ilhéu aprendeu a escutá-la, porque tem vocação marinheira. A bordo da ilha, aprendeu a içar as velas. Porque o ilhéu é também feito do azul que lhe entra pela janela. Tem o infinito à frente dos olhos. Uma gaivota traz-lhe notícias do mundo. O mar beija-o, todas as manhãs.

os de dentro....que saíram

Tolentino Mendonça e José Agostinho Baptista

[Dois poetas e a espiritualidade]

É sempre a nossa casa, mas uma ilha é uma espécie de cosmos pequeno onde podemos ver todas as coisas. A montanha mais alta está perto da beira-mar. Acompanhamos tudo o que o mundo é numa escala mais aproximada. Há o silêncio da floresta e o ruído das ondas. Há um sentimento escondido que só quem lá nasceu sente, de forma subcutânea.

Não transmite também uma certa agonia, ou asfixia?

É preciso ter um coração muito forte para se viver numa ilha. É mais difícil.

(excerto de uma entrevista a Tolentino Mendonça, publicada no *Jornal I*, a 26 de março de 2011)

Terá sido esta necessidade de um coração forte que fez com que homens como José Agostinho Baptista ou Herberto Helder saíssem do espaço circular da ilha para se fazerem poetas?

No caso de Tolentino Mendonça, a sua espiritualidade – necessariamente católica, na medida em que se trata de um teólogo, sacerdote, é revestida por esta espécie de cosmos em que a montanha e o mar coabitam.

173 ANDRADE, 2001, p. 32.

174 ANDRADE, 2001, p. 32.

175 ANDRADE, 2001, p. 54.

176 CHEVALIER, 1999, p.15.

177 GOUVEIA, 2002, p. 54.

178 FERNANDES, 2003, p. 29.

179 DIONÍSIO, 2010, p. 28.

*No princípio era a ilha*¹⁸⁰. Para ele e para Herberto. O princípio de todas as coisas. Um tempo arquétipo. O arché: da vida e da escrita .

É deste poema que partiremos em busca do que une os dois poetas, pelo que o transcrevemos, na íntegra:

*No princípio era a ilha
Embora se diga
o Espírito de Deus
abraçava as águas*

*Nesse tempo
estendia-me na terra
para olhar as estrelas
e não pensava
que esses corpos de fogo
pudessem ser perigosos*

*Nesse tempo
marcava a latitude das estrelas
ordenando berlines
sobre a erva*

*Não sabia que todo o poema
é um tumulto
que pode abalar
a ordem do universo agora
acredito*

*Eu era quase um anjo
e escrevia relatórios precisos
acerca do silêncio*

*Nesse tempo
ainda era possível
encontrar Deus
pelos baldios
Isso foi antes
de aprender a álgebra.*

(Mendonça, 2010, pp. 11,12)

Neste texto primeiro, marcado pela geografia insular – partilhada pelos dois poetas – há uma preocupação [ainda inocente] em apreender o mundo - *marcava a latitude das estrelas, mesmo sem saber o enorme poder das palavras - todo o poema / é um tumulto / que pode abalar / a ordem do universo .*

Por outro lado, a anáfora “Nesse tempo” e a abertura do poema, “No princípio, era”, marcam uma

clara intertextualidade com os textos bíblicos. Nesta infância narrada, o Espírito de Deus / abraçava as águas e Ele se fazia presença na inocência dos gestos: estendia-me na terra / para olhar as estrelas e era possível / encontrar Deus / pelos baldios. Este regresso à infância [a de Herberto Helder. A sua.] é um regresso à ilha onde Eu era quase um anjo. (Baptista, p. 541). É um deus cego:

O Mistério está todo na infância (Mendonça, 2005) – intitula ele um poema que fala de Deus. E a infância está na ilha. E Deus está nesse regresso à infância carregado de intimidade e de imprevisto. Então, quando se encontram, Deus e o homem, ilham-se: Qual de nós é a sombra do outro?

Na espiritualidade de Tolentino, passam procurar ditas de forma diversa: daquela que nos habituámos a ler na religião que professa: *o Deus [que] sobe a escada íngreme*, do poema citado anteriormente é o mesmo que procura o Homem: *Deixa que a respiração profunda do teu Ser aconteça. Só isso. Não interrogues, nem busques. Deixa que seja Deus a procurar-te. Não caminhaes. Ele virá ao teu encontro. Não procures contemplar. Permite, antes, que Deus te contemple. Não rezes. Deixa que, em silêncio, Ele reze o que tu és* (Mendonça, 2011). Terá a ilha influenciado o poeta, com a sua respiração telúrica? Ter-lhe-á ensinado o mar algum tipo de consciência global e livre, no ir e vir das marés, na liberdade dos ventos, no cais donde, da ilha, se avista o mundo?

Por outro lado, um outro poeta da ilha, mas que dela se separou por motivos de outra ordem, entende esta relação com Deus, de outra forma: *Senhor, que fizeste das nossas vidas? , culpando-o daquilo que o sufoca: o mar e a montanha - O azul devora-me. O verde devora-me. (Baptista, p.541).*

Tal como Tolentino, Baptista estabelece uma relação com Deus. Diferente. Mas uma relação. *Perdoa-me se, à beira dos socacos, o meu coração / se entrega às tuas coisas da terra? / À tua obra pura, com o pensamento através do norte, / o teu pensamento inóspito, senhor* (Baptista, p. 541).

Este senhor é um ser pensante – como o do homem, o sujeito do poema. Mas o seu pensamento é inóspito, afastado do do homem que se fixa na natureza, *a tua obra pura*, afastado dos seus problemas: *Vês a ruína dos alambiques? / Vês o mel nos almudes? /* (Baptista, p.541). É um deus cego: *tem órbitas vazias* (Baptista, p. 541). Por outro lado, um

180 in “A Infância de Herberto Helder” (1990).

deus que não olha para o sofrimento do seu povo subjugado pela Sua Palavra: *Este povo ajoelha-se terrivelmente, sucumbindo às / liturgias,/ ao evangelho que atravessa o mundo como uma sombra/ de impiedoso recorte, / e eles entram na sombra, condenados por tanto verde/ e azul.* (Baptista, pp. 541, 542).

Os fiéis são escravos à ilha, *condenados por tanto verde/ e azul.* A ilha, enquanto criação do senhor, condena. O sujeito - ou o próprio ou o poeta - *porque O poeta começa onde o homem acaba,* como diz Herberto Helder - entende que esse Deus é o responsável pela sua falta de fé: (...) *olha-me da sua ilimitada malícia, sorri, / destrói a fé e as catedrais / Desse modo me quer.* (Baptista, p. 252). Livre?

Talvez a ilha não lhe tivesse dado o que procurava: *Uma ilha houve e o segredo lhe perdi, o destino e / a fala,/ o relevo errante, / os sinais de Deus* (Baptista, p. 252). Será da ilha esta relação entre o chão e o céu? *O abismo começa em ti e em ti encerra o enigma - / és a águia e és a serpente.* (Baptista, p. 459). No entanto, a espiritualidade da sua poesia reveste-se de uma ligação à terra que, por vezes, assume a forma de salmo: *Quem cantou as montanhas?/ Quem cantou este céu, estas nuvens que /pesam tanto na minha dor? São as montanhas e o céu e as nuvens da ilha. Outras, assume a forma de distância: E a tua casa era terrível, com o incenso e a morte* (Baptista, p. 549) ou *Tudo vive longe de ti.* (Baptista, p. 549) e *A alegria estava no mar* (Baptista, p. 550).

Num texto em prosa intitulado *O Adeus às Ilhas*, Deus volta a tomar corpo, desta vez na construção da ilha: *Deus era uma escarpa, uma luz muito alta com o medo por cima. Envolto nas lendas, ele chegava sem se ouvir e, como estrelas fecundas, as sementes das suas mãos encontravam a terra.* (Baptista, p. 562), na fertilidade da ilha, no medo.

Em Baptista (2000), Deus é um pouco também o lugar da morte: *e depois adormeces e entras no túnel que dá / para as colinas de Deus, / para os seus mortos antigos* (Baptista, p. 567) ou ainda, *quando as tuas pálpebras desceram / para os subterrâneos de Deus* (Baptista, p. 618). O sujeito assume-se como um homem sem fé e sem alento, não obstante a recorrência de intertextos de cariz religioso. Na *Oração*, o sujeito acaba por pedir proteção à *Senhora nossa, /Senhora deste reino e deste assombro* (Baptista, p. 576): *guardai / no vosso regaço de luminosas rosas/aquele/ cuja fé e cujo alento a vida destroçou.* Veja-se, por exemplo, o *Perdoai-lhes, pai* (Baptista,

p. 583), apesar de *Rasguei os salmos e as profecias / Abandonei a oração* (Baptista, p. 583), numa *Herança* que é nome de poema, mas que é também tradição ou educação ou restos de uma infância antiga, na ilha, ou *O pão nosso de cada dia que não me dá hoje/secou* (Baptista, p. 605), ou ainda esta adaptação do salmo 137: *Junto aos rios da Babilónia sentei-me e chorei, por junto à amargura das tuas fontes, / sentei-me e chorei* (Baptista, p. 618).

Em *Biografia*, a ilha do passado e do regresso vem pesada de Deus, do nome dele, do medo dele, da sua ligação à terra, da necessidade de fuga da terra, de reminiscências antigas da educação cristã, *vamos cumprindo a tua vontade, a tua/ dádiva cruel, /Senhor,* mas também, da tentativa de a renegar, de lhe sonegar o sentido.

Herberto Helder ou a poética da totalidade

[algumas notas em torno de *Cobra*, 1977.]

Nascido no Funchal em 1930, cedo se afastou da ilha e abriu o seu mundo a outros mundos do Mundo. Desde cedo também, manifesta interesse por determinadas culturas que, ao longo do tempo, vieram a sofrer grandes mutações. É lá que o poeta vai beber a sua linguagem [quase] ritualística, a ideia de uma metamorfose contínua, a ideia do poeta como alquimista, como um deus ou um mago possuído pela força animista da linguagem.

A transmutação é o fundamento geral e universal do mundo. Alcança as coisas, os animais e o homem como o seu corpo e a sua linguagem. Trabalhar na transmutação, na transformação, na metamorfose, é obra própria nossa. (...) o poema é o corpo da transmutação, a árvore do ouro, vida transformada: a obra (p. 21).

Cobra poderá ser entendido, deste modo, como paradigmático, relativamente à poética de Herberto, mostrando [também através da imagem do ouro-boro presente na capa] a permanente mutação que preside a todos os elementos do universo, incluindo a linguagem e – ousaríamos dizer – a criação poética: *O poema é um animal* (p. 9). Tem vida própria, portanto. Regenera-se. Garante a coesão do cosmos, imitando a simbologia mítica da serpente que morde

a sua própria cauda e que representa o ciclo da evolução, voltando-se sobre si mesmo e contendo, em si, as ideias de movimento, continuidade, autofecundação e, em consequência, eterno retorno¹⁸¹.

O poeta torna-se, assim, um mágico, porque *as regras de organização do poema são as mesmas da natureza* (p. 9) e, tal como ela, visa a totalidade, o uno. A escrita é um exercício de montagem, de criação da ordem, do significado, da instauração de uma unidade cósmica: *Esta seria a montagem total; a memória como tecido ininterrupto ou a permanência rigorosa do imaginário no tempo; e a ilusão do mundo, inesgotável* (p. 12).

Em *Cobra*, o poeta é um errante e flutua entre a busca de um “centro”, (...) *como a cor amarela perscrutada por Steiner: expande-se e reflui para o centro, com uma terrível energia cardíaca*, (p. 10) e o reconhecimento do caráter descentrado da sua obra, entre o cosmos e o caos.

A linguagem torna-se, então, o caminho para essa unidade mítica, onde todos os componentes do universo são um. O centro: *o poema vitaliza a vida (...) É um colar de pérolas, as pérolas todas juntas, circuito vibrante que se pode sentir à roda do pescoço com uma viveza autónoma de bicho* (p. 10).

Na quarta parte de *Cobra*, Cólófon, o poeta explora o poder evocador do centro e da dimensão de profundidade e quando a reflexão sobre a escrita se afunda no real, atinge o silêncio mais profundo: *Como o centro da frase é o silêncio e o centro deste silêncio/ é a nascente da frase começo a pensar em tudo de vários/ modos* (p. 60). O silêncio é a zona neutra de onde parte a linguagem e para onde ela converge. Mais uma vez, a serpente morde a própria cauda e tudo recomeça. Ou, dito de outra maneira, *porque em toda a palavra está o silêncio dessa palavra / e cada silêncio fulgura no centro da ameaça / da sua palavra* (p.60).

O poema é, assim, uma espécie de cosmogonia, da busca da unidade perdida. Dentro dele se encerram todos os contrários – *ligando o noite ao dia, o oculto ao revelado, o pressentimento ao acontecimento, / - tudo no mundo, na história. / A poesia propõe a história no mundo* (p. 15).

Esta é a busca espiritual do poeta. Tal como na alquimia, ele procura vestígios de uma arquitetura

oculta do universo.

*Trabalha naquilo antigo enquanto o mundo se move
para o centro de si mesmo,
como se todos os pontos em que trabalhas fosses o
centro do mundo.*

(Helder, 1996:614)

A sua função é desocultá-la, desvendá-la – «é preciso voltar ao princípio» (p.20). Para isso, é necessária a transformação: destruir para construir «porque era preciso destruir tudo» *sim «de extremo a extremo»/ para encontrar « o centro»* (. 21). E, apesar da teoria de Delaunay¹⁸², de que o centro está em todo o lado, é preciso procurar: *A teoria era esta: arrasar tudo* (p. 19); *Eis como que uma coisa como que nos interessa: destruir os /textos.* (p. 65); *Eis que é como que isso que é como que/ é preciso desmanchar* (p. 65) ou *Pensamos que interessa varrer tudo muito bem:/ não é nada com a atmosfera, não é nada que não seja/ com destruir por conta/ da paisagem escrita que começa sempre à volta de um orifício.* (p. 66). O princípio da criação [poética] era o Nada, o buraco, o vazio. Está aí a energia do ato poético, segundo Herberto Helder.

Então, sim, a epifania. Ou o apocalipse: *Vou morrer / O ouro está perto.* (p. 27).

O ato poético é uma eterna busca, uma errância, (...) *Abisma-se o mistério / animal até ao centro da caça. / Atraio Deus.* (p.32). A imaterial força criadora. O silêncio. O centro. A totalidade. (...) *O poema rotativo que se afasta* (p.79) para, depois, recomeçar.

A busca de Herberto passa, então, uma contante transformação, por um progressivo despojamento até ao silêncio original, até que – como se refere Tolentino Mendonça, a propósito do místico Angelus Silesius – *o orante reze já sem imagens, e o pensador pense a abandonar todo o pensado, e o bailarino dance sem um único gesto ou apenas no gesto da sua Imobilidade*¹⁸³

A poética dos autores que, tendo nascido nos confins da ilha, tiveram necessidade de sair, para sempre ou não, com regressos ou não, continuando de algum modo presos à ilha, é uma poética marcada pela errância. Encontrámos em todos uma procura,

181 CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, 1999, Alain, *Dicionário de Símbolos*.

182 Roberto Delaunay (1885-1941), pintor francês, impressionista e abstracionista.

183 MENDONÇA, 2013, p. 253.

uma espiritualidade que se funda na natureza, na proximidade com o azul e com o verde que compõem esta região insular, mas que procura libertar-se da redondura do espaço, das paredes basálticas que, na maioria dos casos, oprime e aprisiona. É como se a ilha ganhasse asas ou como se a escrita fosse a possibilidade de embarcar e ir num dos vapores que fazem o sonho de qualquer ilhéu.

POR DENTRO

é no isolamento geográfico da Ilha, mais circunscritos à pureza das fontes genéticas e duma etnia menos penetrada de influências estranhas, os vilões da Madeira, sobretudo, mantêm-se mais integralmente ligados às estirpes, à linguagem e ao folclore herdado das gerações dos primeiros povoadores de há quinhentos anos.

(Pestana, 1965 p. IX).

Por dentro da ilha, na voz do povo que não deixa morrer as tradições, há uma outra espiritualidade, escondida, muitas vezes, das páginas impressas dos livros, que se revela nos ritos que se mantêm dentro das casas, nas superstições, nas danças que o tempo trouxe, através da história.

Será, pois, através do *Folclore Madeirense* – subtítulo desta obra de Eduardo Antonino Pestana – que procederemos a uma incursão no por dentro da ilha, nos textos que este autor coligiu e sistematizou em quatro livros: textos religiosos, romanceiro, troveiro e cancionero. Em todos se revelam traços de religiosidade do povo, apesar de ser no Livro Primeiro que se reúne a maior coleção de orações, de versos usados em diversos momentos litúrgicos ou mesmo nos Ensalmos usados sobretudo para curar, para benzer, para chamar a sorte:

A linguagem poética é a natural expressão da alma que se dirige a Deus; e a alma religiosa do povo sempre escolheu o ritmo do verso e a música da rima para invocar a graça e a protecção do Senhor, da Virgem e dos Santos, em todos os momentos da vida, nas alegrias e nas dores, na paz e nos perigos, na imploração das graças e nos louvores desinteressados (p. XV).

Estes Textos Religiosos iniciam-se com *Orações* - *Estas poesias religiosas da Madeira formam um áu-*

reo e perfumado devocionário (...) transmitidas pelo coração das mães à alma dos filhos, como um catecismo ideal (pp. XV-XVI).

A estrutura poética facilita a memorização, numa espécie de toada que passa de geração em geração. Como se fosse um mantra. O ritmo ajuda a passar a mensagem, a catequese, a pedir a protecção para todos os momentos do dia. Por exemplo, uma reza para o levantar: *Cum Di me deito, / cum Di m'al'vanto/c'a d'vina graça/ do Espírito Santo* (p.3), a que, acrescida de dois versos serve de oração danoi-te: *Nó Sinhô m'abafe/ c'o d'vino manto* (p.4), sendo esta apenas uma das variações, um exemplo das várias que o autor recolheu e transcreveu quase foneticamente.

Outras orações acompanham os momentos mais importantes da vida do povo: a saída para o trabalho, o momento antes das refeições, *Graçai vui dou, mê Dêes,/ que me desti de comer,/ sem ê mer'cer!/ Depoi' desta vida,/dai-m'ó Céu!* (p. 4), o momento de meter o pão no forno – cuja recitação é acompanhada do sinal da cruz, feito com a pá na porta do forno¹⁸⁴ – ou de passar perto de uma igreja, os momentos de aflição do corpo ou do espírito. São disso exemplo os pedidos a Santa Bárbara para acalmar as trovoadas, para afugentar os demónios, para afastar os maus pensamentos, para o perdão dos pecados ou para a salvação da alma. Misturam-se, deste modo, várias invocações, nas próprias orações que a religião católica abençoa e não nos podemos esquecer que o povo madeirense é essencialmente católico .

Nesta espiritualidade familiar, passa ainda o *medo da coisa que má for* (Pestana, 1965:5), atos de contrição – *Nunca visitei os presos, / os presos incançarados; / nunca abriguei uiromeiros, / nem curei ingeitados, / nem tão-pouco fiz imolas / aos proves invergonhados* (p. 6), que resume as *obras de misericórdia corporais*¹⁸⁵ preconizadas pela religião católica, como tabela – junto com as espirituais – para julgar os católicos no Juízo Final. Nestas orações misturam-se evocações: Deus, a Virgem, os Santos, os Anjos. Algumas destas orações são acompanhadas do sinal da cruz ou da crença de alguma revelação. Numa nota de rodapé, o autor apresenta a seguinte

184 Conforme nota (a) de PESTANA, 1965, p.15.

185 As obras de misericórdia são sete: dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede; vestir os nus; dar pousada aos peregrinos; assistir aos enfermos; visitar os presos e enterrar os mortos.

afirmação: *Quem esta oração disser, um ano, de dia a dia, a Virgem lhe aparecerá, tri dias ânti de morrer* (p. 6).

O autor organiza, depois, os textos que recolheu em três ciclos – o Divino, o Mariano e o Santoral e reúne uma série de Ensalmos cujas fórmulas se intercedem com as da fé católica, por entre o medo do desconhecido e seres do outro mundo – bruxas, feiticeiras, demónios, processos de cura e de alteração do curso da vida. Surgem assim as rezas para afastar o mau-olhado e formulários mágicos – alguns alatinados ou corruptions do latim [que é a língua de Deus] – que atuam como elementos sagrados para vencer o mal do corpo e do espírito. É o caso da reza seguinte que serve para afugentar os demónios: *Est'é a crui de Sã Dómino. / Fugi |da parte! da versa/ d'vice|d'veu|atrevo / de Judas|redaudau|àlalôioa, àlalôioa* (p. 12).

Explica o prefaciante que, nestas rezas, as corrupções tomam um valor mais cabalístico do que inteligível(...) *Perdendo o sentido de significantes inteligíveis, enchem-se, no espirito popular, dum valor misterioso de abracadabra, como fórmulas litúrgicas dum ocultismo sagrado sem qualquer significado na linguagem comum* (p. XIII).

O religioso e o profano misturam-se e a vivência religiosa exprime-se, muitas vezes, pelo concreto, pela cerimónia e pela imagem, muito mais do que pela sua representação ou significado. - (...) *Nossa Senhora te queira tirar e mande deitar p'a o fundo do mar, donde olhi vivos não o torn'a olhar* (p.81), ou para atrair a [boa] sorte: *Mê raminho d'alecrim, / ê te vou queimar; / os inimigos de mim / si hão-de afastar* (p. 76).

Nesta obra de *Folclore*, muitas vezes em nota de rodapé, aparecem os rituais: a palavra, o gesto, objetos, plantas, água, campainhas: há casos em que a curandeira simula coser, com uma agulha sem linha enfiada, um novelo de linho ou que o chefe de família traça uma cruz em todas as direções da casa, com um ramo de alecrim molhado em água benta; outros há em que é necessário que a oração seja rezada um determinado número de vezes – geralmente três ou nove - na presença de um copo de água e de uma toalha com nove dobras ou que se prove se se trata mesmo de “olhado”, deitando pingos de azeite num vaso de água e percebendo se este se dissolve

ou não¹⁸⁶.

Do Ciclo Divino, Padre, Filho e Espírito Santo são as três secções que o autor apresenta como (*Versos em que se celebram as três pessoas da Santíssima Trindade (...) e se assinala a sua acção na vida dos homens*) (p. 19). Depois de um único texto – de 28 versos – sobre Deus, a criação, o pecado original – *Foi aí que começa/ esta triste digrácia/ que nunca más acaba* (p. 19), segue-se a secção maior, dedicada ao *Inocente Cordeiro*, o Filho, subdividida em três partes: o Natal, a Epifania e a Paixão.

No meio das narrativas do Natal, aparecem, por vezes – numa mistura óbvia entre a fé a vida, aspectos da ilha. Veja-se, por exemplo, por entre as loas ao Menino, estas duas quadras: *O vapô já vem à barra / e trai grande companhia; / vem todo embandeirado, / trai sinal d'alegria* (p. 24), como se o Menino Jesus tivesse, efetivamente, nascido na Madeira, prova inequívoca da importância desta festa para a Ilha e dos vapores para a sua sobrevivência. Repare-se, ainda, numa clara alusão à guerra, apesar de estes textos não estarem datados: *É a barca Conceição. / Vem apar'cend'à barra; vem depressa, vem com medo / s'um submarin' à garra* (p. 24).

Ao Menino, na Festa, se oferece o que se tem, que muitas vezes é pouco mas que é tudo: *“um galo do mê poleiro”, “um porco do mê chiqueiro”, “um cestinho de laranjas ou “est'barrilinho de vinho”* (pp. 36, 37). As cantigas falam da vida, da terra, da pobreza – *Menino Jasui da Lápa, / da Lápa do coração, / dai-me da vossa merenda / qu'a minha mãe nã tem pão* (p. 32).

Ao Menino Jesus e às outras entidades religiosas que compoem este devocionário – além o ciclo dedicado à Santíssima Trindade, há outro dedicado a Maria e outro aos santos, nomeadamente a São Cristóvão e Santo António - traz-se pedidos – *Dai saúde'a mê marido / que vai 'est'ano pr'Amerca* (p. 37) e paga-se promessas; mistura-se a vida e a tradição: *A mãe de Sã Crestóvo 'tava p'a pari'Sã Crestóvo e desej'um pexinho. O marido, cum mêd'dum má sucesso, foi à pesca* (p. 69), estabelece-se rituais de passagem, da vida para a morte, por exemplo. O autor acompanha, por exemplo, os *versos de São Cristóvão* – conhecido como o padroeiro das viagens – de uma nota explicativa que, se por um lado, nos permite percebê-los, enquanto reza, com uma intenção particular, por

186 Cf. PESTANA, 1965, pp.75-81.

utro, nos indica a forma de realizar a “magia” : *Estes versos, cuja recitação, em geral, é reservada para a visita a moribundos, deverão ser ditos sempre a seguir e sem engano nenhum, para que tenham o desejado efeito de beneficiar a pessoa visitada, afastando dela a acção do Demónio.* (p. 72). A espiritualidade popular torna-se, assim, muito próxima da vida, da emoção diária e das necessidades das gentes do que daquilo que Américo Cortez Pinto chama a *gravidade litúrgica*. (p. XXI).

O mesmo acontece, dentro do *Ciclo mariano*. Se, por um lado, se pede a proteção da *Sinhóra*, por exemplo em *O vosso braço direito, / que perdaua os pecadores; / perdoai-me a mim também / ou O vosso braço esquerdo, / que nui livra do Demônio; / livrai-me a mim também,* (p. 58), por outro lado, se louva a sua *fermesura*. Um registo apenas relativo ao lado “sagrado”: é o braço direito que perdoa; é a mão direita que dá a bênção: (...) */ Deitai-m’a vossa bênção, / com a vossa mão direita e, noutra estrofe, / Deitai-m’a vossa bênção, / com a vossa mão sagrada* (p. 63). Pelo *Dicionário dos Símbolos*, efetivamente é a mão direita que abençoa, porque ela é o *emblemata da autoridade sacerdotal*.¹⁸⁷

De entre as diversas invocações, destaca-se as trovas a Nossa Senhora do Monte, a padroeira da ilha, conforme decreto do Papa, em 1804. É esta uma das maiores romarias da ilha, uma das mais citadas pelos autores que escreveram sobre a Madeira: a Senhora do Monte é a *companheira espiritual dos primeiros arroteadores da ilha; contemporânea (...) da sua colonização e testemunha viva da fé ilhoa*¹⁸⁸. Ela é a madrinha: *Nossa Sinhóra do Monte, / aquela mais piquininha, / descê do seu altar, / para sê minha madrinha.* (p. 67), porque cuidadora do povo. Desde o princípio, ela está envolvida numa lendária aparição no Terreiro da Luta, relatada por Gaspar Frutuoso. Encontrámos algumas variantes de um encontro entre a Menina e uma pastorinha a quem deu de merendar na serra: Um rimance narra, assim, o momento em que se descobre que a Menina e a Imagem são a mesma entidade: (...) */ Chega à fonte, pasma o velho, / Vê a filha a merendar / E da Mãe de Deus a imagem / junto d’Ela a scintilar*¹⁸⁹.

Outras lendas envolvem a mesma imagem: tra-

ta-se por exemplo da referência – também feita por Gaspar Frutuoso, aos corsários: os herejes huguenotes franceses, nas suas fúrias de destruição e latrocínios foram à Igreja de N^a S^a do Monte e, canta o povo, *Lá vem um por ali arriba, / e lá se vai ao altar; / Minha Senhora do Monte / De lá vos vai arrancar. / E na pedra dos degrajs / Vos joga, p’ra vos quebrar. // (...) / E vós, Senhora do Monte, / A rir no Céu, sem cuidado! / Vossa imagem, inteira; / O degrau, esmigalhado*¹⁹⁰. À mesma imagem se associam outras lendas – a da Ribeira das Cales, a do “Rio” Montanhês, a da batata doce, a da Corujeira de dentro, a do Sebastianismo ou a do Curral dos Romeiros, conforme registos de Manuel Ferreira Pio, em *O Monte*, já citado. A ela se associam milagres, quase todos ligados à fome e à água [ou à falta dela]. Nos cantares do povo está legitimada a intervenção da Senhora do Monte no quotidiano humano. Esta literatura conta, pois, muito com a experiência dos ilhéus nos seus conflitos, nas suas dores, nos seus anseios: *E toda êsta freguesia, / nessa grande procissão, / pedia a Nossa Sinhóra / que lhe desse chuva e pão*¹⁹¹. A água está deste modo, ligada à espiritualidade da Senhora do Monte. Beber água da fonte faz parte do ritual da romaria do 15 de agosto: *Nossa Senhora / Lá do teu Altar / Estás a abençoar / Quem bebe na Fonte*¹⁹². Durante a festa, para além do arraial, faz parte subir os 68 degraus até à igreja, cumprir as promessas, como forma de liquidar as súplicas, numa espécie de economia de troca entre o mundo celestial e o terreno, tocar na imagem ou beijá-la, pois essa é a forma possível do contacto físico com a representação simbólica do divino.

E, depois, o baile, a música, os despiques, as vozes de um ou outro trovador, um “poeta popular” que, aproveitando o auditório, contava, cantando, o que acontecia na ilha: *Quando acontecia algo de extraordinário, trágico, dramático e às vezes até cómico, também surgia um aedo, um trovador, um “feiticeiro”, como diríamos hoje, que se encarregava de pô-lo em rimance, em versos de sete sílabas que é a especialidade popular*¹⁹³. É o caso de José Coelho ou do Feiticeiro do Norte.

Sacro e profano entrelaçam-se, então, num único dispositivo imagético, explorando, por esse meio, confluências, circularidades e roturas.

187 Cf. CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, 1999, Alain, *Dicionário de Símbolos*, p. 628.

188 PIO, 1978, p. 65.

189 PIO, 1978, p. 19.

190 PIO, 1978, p. 23.

191 PESTANA, 1965, p.64.

192 PIO, 1978, p. 158.

193 FREITAS, 1984, p. 241.

Por entre as lendas da ilha e a criação do povo, passam outras histórias de promessas e milagres, de deuses e de demónios. A voz do Pe. Alfredo Vieira de Freitas (1984) explica-o assim:

A imaginação popular, em toda a parte, cria fantasmas(...) É certo que alguma vez Deus tem permitido que os Anjos, os espíritos bons, tomem a figura de um corpo humano, para assim aparecerem aos homens e lhes transmitirem qualquer mensagem celeste. (...) E não admira também o mesmo Deus permitir que os Demónios, os espíritos maus possam tomar a forma de um animal, de um homem e até de uma mulher, para tentar e seduzir os pobres mortais. Isto pode acontecer, mas quase sempre é a imaginação humana que cria esses fantasmas¹⁹⁴.

Esta é a interpretação do padre católico, quando introduz as aparições do Demónio, *quase sempre de noite – na figura de uma bicha-fera, de um cão medonho, de uma horrenda alimária, de um sátiro e de alguma feiticeira* (p. 46): numa luta desigual com o mal, um pescador do Paúl do Mar vence o Diabo, por causa de uma cruz de cabelo que tem no peito ou a lenda do pastor que vendeu a alma para recuperar o cão perdido, transformando-se ele próprio no Bicho Cidrão, o que permite ao autor a seguinte catequese: *Muito melhor fora para aquele zagal pensar no valor da sua alma tirando daí uma moral: serve para fazer ver aos transviados dos bons caminhos da vida que num instante se pode perder o tesouro precioso, que é a nossa alma, se constantemente não andar bem acautelada, contra os ardis de Satã...*¹⁹⁵

As histórias por ele narradas, com a intenção de avivar o que andava disperso na tradição popular – como afirma o autor no seu Colóquio com o leitor, parecem ter, por outro lado, o objetivo de explicar “cientificamente” alguns mitos que o povo guarda. Veja-se, por exemplo, algumas expressões que vai semeando ao longo dos textos: O *Cavaleão* [outra lenda popular da freguesia de Machico] é um mito que deve ser desterrado da mente popular e a respetiva solução – *parece-nos que há apenas uma disjuntiva: ou a exploração científica das ditas cavernas ou uma perfeita educação religiosa e cívica* (p. 110). O autor classifica a *humana fantasia* como *tonta* (p. 133), interpretando à luz da religião católica tudo aquilo

que o povo teme: as bruxas, os novelos, os *sabbat* e explica que *quanto mais se vive o Evangelho, na sua plenitude e integridade, tanto mais as credices supersticiosas e os bruxedos desaparecem como nevoeiros*. (p. 134). Insere esta mitologia popular na classe “superstição”, tal como a legislação religiosa preconiza.¹⁹⁶

Era uma vez...na Madeira guarda, por um lado, as histórias em que o povo acredita e, por outro, tem a função de as desmitificar. Explica nomes de lugares com lendas dentro, narra acontecimentos que marcaram a história da ilha e que a memória foi guardando e acrescentando [quem conta um conto, acrescenta um ponto]. Retoma mitos velhos – a Ilha encantada, por exemplo e recria novos – o naufrágio do “Physália¹⁹⁷”, onde não falta a mão de Deus. O autor cita um autor de literatura de cordel para descrever a salvação milagrosa de Óscar Marão: *E foi assim desta sorte/ Que o Óscar se salvou: / A Providência de Cristo / Uma corda lhe deitou*¹⁹⁸. Ao parafrasear o texto, o autor sublinha o verso Providência de Cristo, antecedido por um *oh!* e acrescentando-lhe o parentesis (que linda expressão), não apresentando, desta vez, qualquer razão – científica ou natural para o facto: *Não se sabe como – oh! Providência de Cristo, (que linda expressão), uma corda é atirada para o navio* (p. 249).

No por dentro da ilha, na voz que o povo usa para cantar, desencadeia-se, assim, um processo de sobreposições múltiplas: a religião vigente entrelaça-se com outras espiritualidades, cruza-se com tradições antigas que a literatura não registou, mantém-se dentro das casas, nas rezas sussurradas portas adentro ou na intimidade calada do sentir do povo. É a sacralidade dos quotidianos.

A literatura convencional põe praticamente de parte estas formas de espiritualidade. Exceção feita para alguns autores da ilha, mais ligados à ruralidade ou à tradição, poucos tratam estes assuntos populares, não-científicos, *menores*. Quando o fazem, inserem-nos no domínio da superstição, integrando aí as manifestações populares que não cabem nas li-

194 FREITAS, 1984, p. 45.

195 FREITAS, 1984, pp. 55, 59.

196 *A primeira sorte de superstiçam, se divide em cinco especies. A primeira, he Idolatria, que he adorar falsos Deoses... A segunda he a arte magica. A terceira, adivinhaçoens. a quarta, a observancia, e crença de cousas vãs... E a quinta feitiçaria.* Cf. Pedroso, 1988, p. 92, sobre as Constituições do Bispado de Viseu de 1681.

197 Iate pertencente a Humberto Passos que morreu durante o naufrágio da sua embarcação na noite de 15 de dezembro de 1926.

198 FREITAS, 1984, p.248.

turgias da tradição judaico-cristã. Parafraseando Voltaire, algures no seu *Tratado sobre a Tolerância*, a superstição está para a religião como a astrologia está para a astronomia, a filha louca de uma mãe sábia, o mesmo acontecendo com a relação entre a literatura oral, presente nos versos e nos rimances, e o cânone, tenha ele a definição que tiver.

DE FORA, DE DENTRO E POR DENTRO

[a Festa. as festas.]

Por entre o sagrado e o profano, o corpo e o espírito, passam as festas, as romarias, passa a festa maior do povo insular – a Festa. É, efetivamente, o Natal, o momento festivo mais tratado pelos autores que escrevem sobre a Madeira e que, de algum modo, tenham vivenciado o pulsar da ilha por esses dias de dezembro. Será este o ponto de interceção daquilo que nos parece revelar a verdadeira espiritualidade da ilha.

No entanto, é pelos autores da ilha que se poderá sentir o pulso destes momentos em que se interrompe o tempo comum.¹⁹⁹ É o momento em que é permitida a tentativa de uma conciliação amigável entre o espírito e o corpo e se pode comer e beber, *em honra do santo ou em louvor do Menino Jesus*. É o tempo em que a pobreza dá tréguas, como diz José antónio Gonçalves (2000): *O povo com o tempo esqueceu-se / de ser pobre / nessas madrugadas. // (...) A mesa nunca é a mesma / nem o coração bate igual / como no dia de Natal*. Porque é um tempo bom, um tempo especial.

Segundo Mircea Eliade²⁰⁰, há, no quotidiano dos povos, intervalos de tempo sagrado, os tempos de festa. Nas festas, faz-se memória, reencontra-se o tempo, a *primeira aparição do tempo sagrado*, a eternidade que se faz agora pela linguagem dos ritos. É assim, pelo Natal, por exemplo na representação de autos que tornam os fiéis contemporâneos do momento que festejam: o nascimento de Jesus. Diz Horácio Bento de Gouveia que a «festa» verdadeira

*vivia no tempo e não no espaço (...) o tempo vivente dentro de mim, a única realidade conscientemente sentida, um tempo imóvel: para mim, o Natal foi o que passou, é o que vive no tempo e terá a duração da própria vida.*²⁰¹

Acúrsio Ramos refere o presépio como a síntese da memória do *nascimento do Deus-Menino, rodeado das lendas dos pastores acordados pelo anjo, e dos reis magos guiados pela estrela que fulgia do oriente*. Por este autor, a religiosidade do povo madeirense vive muito das solenidades, porque *se não vê com os olhos da razão vê com os da imaginação que, nas classes rudes, supre a reflexão e caminha muitas vezes por uma força intuitiva adiante dela*. Nesta frase que Rui Nepomuceno citou, passa a ideia de um povo rude que necessita de concretizações.

O tempo festivo do Natal é, na Madeira, o tempo em que cada casa se transforma num altar, em que “lapinha” se torna coração da casa, em que a vida se organiza à volta da contemporaneidade do nascimento de Jesus. Alguns autores “pensaram” estes momentos em que o espírito e o corpo se harmonizam, na medida em que é, na Festa, que a mesa se reveste de alguma abundância, mesmo que a privação aconteça o ano inteiro, é pela Festa que se estreia roupa nova, é pela Festa que a socialização acontece, no ato tradicional de “visitar as lapinhas”, de provar as broas e os licores, de “cantar” ao Menino Jesus.

Cabral do Nascimento, num texto que intitulou «Natal de há trinta anos»²⁰², refere-se, porém, à forma privada como ele é vivido na ilha: *Contudo, na Madeira, o sentimento que ela gera é perfeitamente individualista. Cada pessoa tem o «seu» Natal, isto é, sente-o à sua maneira; e comungando embora com os mais nessa euforia ecuménica, guarda no íntimo, para si apenas, recordações particulares, anseios próprios, saudades intransmissíveis, um mundo de coisas imponderáveis e inexplicáveis*²⁰³. Há, deste modo, uma espiritualidade privada, feita de memórias e de sonhos que, apesar de vivida com os outros, não é com eles partilhada²⁰⁴.

A Festa é, na boca do povo, medida do tempo. Por ela se organiza a vida: *o ano tem a Festa como fundamento de marcação do tempo: - Faz 5 anos*

199 TUDELA, 1987, p. 21 *La fiesta es sin duda alguna explosión de individualismo, la espontaneidad y la ruptura de las formas convencionales de actuar*

200 ELIADE, 1965, p. 81 define “tempo sagrado” como *um tempo mítico primordial tornado presente*, porque *toda a festa religiosa, todo o tempo litúrgico representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, “no começo”*.

201 GOUVEIA, 2001, pp. 30, 31.

202 Texto inserido em *Lugares Selectos de Autores que escreveram sobre a Madeira*, pp 268-277.

203 NASCIMENTO, 1949, p. 268.

204 NASCIMENTO, 1949, p. 269.

*para a Festa; foi 1 mês depois da Festa, faz dois anos, 3 meses antes da Festa. E a Festa é a principal coluna da memória para assinalar o tempo*²⁰⁵.

É então que, partindo do rifão *Das vésperas as festas*, o autor descreve o que antecede o dia de Natal, os minuciosos preparativos que chega a parecer (...) *pretexto para reformas domésticas, em vez da glorificação duma data célebre*²⁰⁶: a limpeza funda das casas, a caição das paredes, a substituição das cortinas. Na ilha, a Festa é antecedida por uma purificação, para que o mal desapareça e a casa esteja pronta para receber o Menino Jesus. Uma outra ritualística apresentada pelo autor diz respeito às tradições insulanas de preparar os licores e amassar os bolos de mel: Há, na sua confeção, como um ritual: *depois de amassado, o bolo de mel, com uma cruz desenhada a toda a altura e largura, fica a levedar durante três dias, antes de ser cozido*.²⁰⁷

Por este texto, se percorre o silêncio de um tempo vivido dentro das casas, vivido dentro de si: *Fechou-se tudo após a missa do galo*²⁰⁸. E neste tudo, estão as lojas – o povo abastece-se de tudo aquilo que possa vir a precisar naqueles dias da Festa -, mas está também a natureza que fica suspensa – num tempo que é sagrado e fica eternidade – porque os lugares ficam sagrados e se transformam em infinito: *O ar está imóvel. Nenhum pássaro se atreve a riscar o espaço, não adeja nenhuma borboleta, a água não cai das fontes, o mar não se mexe, o sol descansa num leito de núvens opalescentes (...)* Só, de quando em quando, um estampido seco, uma bomba de clorato que rebentou no chão ou um morteiro que se ergueu na atmosfera pasmada²⁰⁹, a não deixar que se perca a ligação à terra. É desta ligação que se faz a espiritualidade da ilha – terra, mar, céu, corpo e espírito, consubstanciado no presépio mais ou menos igual ao dos anos anteriores²¹⁰, mantendo, nisso também, uma ligação básica às origens, apesar do toque do tempo presente: *novos pastores de barro polícromo ou uma ou outra inovação do progresso: automóveis que se dirigem a Belém, (...) locomotivas (...) e complicados transatlânticos ingleses que sulcam oceanos de areia*²¹¹. Horácio Bento de Gouveia,

por seu lado também, sublinha essa diferença do Natal madeirense relativamente aos outros natais dos outros lugares do país: *na Madeira, a par das cerimónias religiosas, um culto profano desborda, vivíssimo, da alma de toda a gente. O qual culto se exterioriza nas «lapinhas», no estojar das bombas, na música e nas luzes*²¹².

Bastaria, talvez, olharmos para a descrição de uma lapinha – e Cabral do Nascimento fá-lo, nos seus mais pequenos detalhes - para percebermos que, nesses dias, a ilha é um altar doméstico, na medida em que é transposta, em todos os seus elementos, para o centro da vida das famílias: *Das escarpas fluem águas de vidrilho, entre fetos e avenças naturais, e nos promontórios mais inacessíveis equilibram-se, por milagre, casas de papel (...)* Em baixo, sobre a mesa, rodeando a toalha de linho, corre uma fila de searas (...) verdes e pujantes²¹³ exatamente como na ilha, como nas escarpas por onde a água se despenha e as casas se penduram sobre os abismos. Por outro lado, nestes presépios – e seguindo as palavras de Cabral do Nascimento – há o mundo, há possibilidades impossíveis, há um cosmos onde tudo se harmoniza, porque justificado pela intemporalidade e a inespacialidade da Festa: *Há peixes fora de água, indiferentes à circunstância de se encontrarem num elemento que não é o seu, e animais de climas antagónicos, reunidos com tanta naturalidade como se estivessem na arca de Noé*²¹⁴. Ou então, na descrição de uma outra forma de lapinha em cima de uma mesa, ourelada com laranjas e peros e tijelas de trigo espigant²¹⁵ e ou da escadinha, tão representativas da ilha, dos seus socacos e dos produtos que a terra dá, convertida no espaço sagrado da habitação (...) *A escadinha (...) De três ou quatro passadas, coroada pela imagem do Menino Jesus, identifica-se com a coluna cósmica situada no Centro do Universo, tal como a escada de Jacob*²¹⁶.

É uma espiritualidade telúrica, a da vivência da Festa na Madeira. Horácio Bento de Gouveia fala de “sinceridade interior”, “devoção de alma”, de espontaneidade. Fala das Missas do Parto e dos búzios e das lanternas a alumiar os caminhos para o templo²¹⁷, como típicas do viver ilhéu. Não obstan-

205 GOUVEIA, 2001, p. 48.

206 NASCIMENTO, 1949, p. 271.

207 NASCIMENTO, 1949, p. 272.

208 NASCIMENTO, 1949, p. 273.

209 NASCIMENTO, 1949, p. 274.

210 NASCIMENTO, 1949, p. 274.

211 NASCIMENTO, 1949, p. 274.

212 GOUVEIA, 2001, p. 19

213 NASCIMENTO, 1949, p. 275.

214 NASCIMENTO, 1949, p. 275.

215 GOUVEIA, 1966, p. 176.

216 VERÍSSIMO, 1998, p. 33.

217 Cf. GOUVEIA, 1966, p. 184.

te esta ideia, encontrámos correspondentes destas novenas nas Ilhas Canárias, nas chamadas Missas de Luz que se celebravam antigamente.²¹⁸

Outros autores – da ilha e de fora dela – escreveram sobre o Natal da Ilha: Reis Gomes, João França, Lídio Araújo, José António Gonçalves, entre outros que lhe dedicaram crónicas, poemas, histórias inteiras, provando – pela construção de sentidos que a literatura permite – ser a Festa um dos tempos sagrados mais importantes para a ilha da Madeira.

Mas há outros momentos da ilha, em que o tempo para, para dar lugar à eternidade. Uma lenda, um mito, a narração sobre aparições de entidades sobrenaturais são ocasiões para celebrar festas, fazendo um intervalo na normalidade dos dias.

Os autores que escrevem a ilha também os tratam, transportando nos seus textos a espiritualidade que os seus olhares – normalmente de fora – permitem ver, na medida em que a verdadeira, a que a ilha vive nos momentos de festa pertence ao domínio do ser e esse é muito mais difícil de verbalizar e, obviamente, de (d)escrever. Muitas vezes, o que é apresentado pelos autores é apenas a generalidade, aquilo que eles reconhecem como traço comum de todas as outras festas e romarias que se fazem na ilha, ou no país, perdendo, as especificidades das palavras, dos gestos ou, eventualmente, dos objetos manipulados, que fazem, por exemplo a diferença entre a festa de Nossa Senhora do Monte, celebrada a 15 de agosto, a Festa do Senhor Bom Jesus da Ponta Delgada, a do Senhor dos Milagres, em Machico, ou ainda as que se ligam aos santos populares, Santo António, São João ou São Pedro.

Nesses dias, o povinho encantado murmurava um longo *ah!* de admiração e esquecia que tem fome, que a dificuldade, a carestia da vida aumentam todos os dias, escreve Luzia, que, referindo-se à Festa do Monte, escreve assim: *Mais braços e pernas de cera foram guarnecer o altar do milagre. Os círios, essas delicadas hastes em que treme uma flor de luz, consumiram-se aos pés pequeninos da Virgem. Mãos postas, olhos em êxtase, mulheres subiram de joelhos, a grande escada que leva à igreja. A promessa converte-se – não sendo particular da ilha,*

obviamente – no primeiro ato de um ritual, em que acontece um encontro particular entre o tempo e a eternidade, gerindo-se uma economia de troca entre o mundo celestial e as necessidades terrenas. E, para tal, não há meteorologias ou idades ou saúde ou o que for que impeça o povo de pagar o que prometeu. Temos o exemplo do encontro de Juvenal, a personagem de *A Eternidade*, de Ferreira de Castro, com uma *centenária*, em peregrinação à Senhora do Monte, uma promessa de para sempre: *Prometi à Nossa Senhora que iria sempre de rastos nem que tivesse fome ou sede. Ela salvou-me a vida!*²¹⁹

A romaria de Nossa Senhora do Monte é efetivamente das festas mais referenciadas nos livros que trabalhamos: é a lenda que acaba por legitimar a intervenção de uma personagem divina no quotidiano humano, a salvar o povo e é todo o ritual que envolve os romeiros: beber a água da fonte, subir os degraus da igreja, pagar promessas realizadas em momentos de aflição que, na ilha, se ligam muitas vezes, com a vizinhança da natureza, sendo esta uma forma de liquidar uma dívida com a Senhora do Monte, padroeira da ilha²²⁰.

Encontrámos referências a esta Festa em textos de várias tipologias: Castilho (1916) dedica-lhe dois sonetos: «Nossa Senhora do Monte» onde narra a lenda da (...) *Virgem toda Amor, toda Candura* (p. 43) e «A romaria» onde se percebe da importância desta festa para a ilha inteira, a avaliar pela primeira quadra: *15 d'agosto. A festa da Senhora! / Despovoam-se os campos e a cidade. / Descantes pelo Monte. Alacridade / desde a véspera até surgir da aurora.* (p. 45) ou no texto de José de Freitas Jardim:²²¹ *Desta Ilha e freguesia és a Rainha / Porque assim foste sempre reconhecida / A teus pés também, todo o joelho se dobra / Tocam os sinos as torres da tua ermida.*

Marianna Silva já lhe tinha dedicado algumas palavras, chamando-lhe *notável romaria*²²²: *Na igreja, instrumental, missa solemne, sermão; no adro, philarmonica, muitos foguetes e pedreiros que dão estrondosos tiros*²²³.

218 TUDELA, 1987, p. 110. *Em Canárias, oito dias antes do Natal, celebravam-se (...) as chamadas Missas da Luz, entre as quatro e as cinco e meia da manhã (...) porque tinham lugar nas horas da primeira luz, como prefigurando o acontecimento iminente do parto de Maria(...) O Menino que vai nascer romperá as trevas, as horas em que os diabos e as bruxas andam soltos, porque Ele é a luz do mundo.*

219 CASTRO, 1977, p. 230.

220 MONTÊS, 1938, p. 241: *Na ilha da Madeira não faltam lendas religiosas, crenças a que o povo se acostumou, manifestações de fé que mostram o elevado culto pela tradição. Muitas dessas lendas, que, por encanto místico, passaram de geração em geração, estão ligadas a típicas romarias, onde a "alegria" dos vilões se manifesta exuberantemente.*

221 citado por PIO, 1978, p. 18.

222 SILVA, 1883, p.179.

223 SILVA, 1883, p.180.

Tal como no Natal, encontrámos o tempo contado, tendo por base a festa: é a véspera do Monte²²⁴, porque esta é uma forma de organizar a memória. Como a do Senhor Bom Jesus da Ponta Delgada, outra das romarias mais insulares que encontra em Horácio Bento de Gouveia, um autor do lugar, a sua maior expressão.

Na *Canga* (1975), o arraial assume a sua forma religiosa e a profana: *As cerimónias magnas que requeriam três padres, organistas e cantores (...) o espectáculo do chilar e do espipocar dos foguetes(...) um coreto construído de improviso, à maneira das antigas palafitas das épocas pré-históricas* (p. 54). Bastaria este romance para perceber a importância da *grande romagem ao Senhor Jesus, o maior arraial da Ilha* (p. 80): do ponto de vista social – *a freguesia metamorfoseia-se, ganha expressão própria; uma vida transitória mas trepidante* (p. 80), porque a festa permite viver melhor o tempo comum – *O negócio é sempre de tentar na época da festa* (p. 80), por isso as lojas ficavam apalavradas de ano para ano e se cumpriam tarefas específicas para que tudo estivesse preparado no primeiro fim de semana de setembro. Nas *Crónicas do Norte*, o autor explica a alegria das festas, Segundo ele, *exterioriza-se o prazer da consciência em manifestações profanas. E porque não, se a vida é matéria e espírito? A oração é alma a erguer-se para Deus, é o sublimar-se do sensível no recolhimento, no silêncio das naves*²²⁵. Do arraial de Ponta Delgada, fala assim: *A lâmpada inapagável da fé alumia o caminho do intemporal, da mesma forma que a luz da lanterna vai abrindo clareiras dentro da noite carbonosa*²²⁶. É por essa fé que justifica a *esmagadora cena de vassalagem ao Senhor Jesus*²²⁷. Um pouco como metáfora deste rumo ao Absoluto, enquadram-se as peregrinações: os fiéis caminham até ao santuário, fazendo desta caminhada parte do cumprimento das promessas: Maria Lamas chega mesmo a afirmar que *As longas caminhadas (...) o que dá maior interesse ao arraial – dias de folga, qualquer coisa que se repete como um ritual e tem, ao mesmo tempo, sabor de mudança.*²²⁸ Tal como na

festa do Monte, os romeiros acorrem à freguesia de Ponta Delgada – *Aos grupos, famílias inteiras vêm cumprir promessas ao Senhor Jesus*²²⁹ ou a outra entidade.²³⁰ Daí a preparação dos farnéis, os despiques, as cantigas, os comes e bebes típicos destes momentos. Daí a alegria: *As festas são a respiração das aldeias*²³¹ que, no caso de Maria Lamas, se reveste de uma grande *melancolia, com mágoa que ele [o vilão] não consiga e saiba ter, nos seus dias festivos, a vivacidade e a expansão dos povos felizes*²³². Por vezes, são o único momento em que se interrompe o isolamento de lugares que, a um tempo atrás, ficavam muito longe de qualquer centro²³³.

A cada festa, corresponde sempre esta ligação entre o religioso e o profano, de algum modo representada pelas procissões²³⁴ – por terra ou por mar – metáfora do caminho do homem pela vida até chegar à Eternidade.

A procissão do voto é disso outro exemplo. João França introduz-la numa das suas Crónicas, como resultado de um *apelo ao milagre redentor (...) Uma vez, pela fé, outras vezes, pela crença na intervenção divina*²³⁵. Não cabe no âmbito deste texto a narração da situação que causou a escolha de São Tiago Menor para protetor da cidade, numa situação de peste. A verdade é que a atitude do guarda-mor da saúde – *que abdica do seu cargo e, ajoelhado ante a imagem do Santo, suplica «Senhor, até aqui guardei esta cidade como pude. Não posso mais. Aqui tendes a vara do mando. Sede vós o guarda da Saúde»*²³⁶ é repetido – até hoje – em cada primeiro de maio. Mesmo sem peste. Apenas porque é preciso honrar as promessas. E festejar a Primavera, na medida em que cada peregrino enverga – ainda hoje também – um colar de maios, flores do campo que pintam as

224 GOUVEIA, 1972, p. 62.

225 GOUVEIA, 1994, p. 20.

226 GOUVEIA, 1994, p. 108.

227 GOUVEIA, 1994, p. 108. (...) *de joelhos foi-se arrastando desde o camarim onde se ergue a escultura da imagem do Senhor; e percorre, depois de sair a porta da igreja, o adro de cimento e, seguidamente, a ladeira (...) a verdade é não haver o progresso estancado o rio escachoante de fé religiosa, sempre a correr, rumo ao Absoluto, para que a alma consiga encontrar o seu destino metafísico.*

228 LAMAS, 1956, p. 297.

229 GOUVEIA, 1975, p. 82.

230 TUDELA, 1987, p. 172. *Si en la peregrinacion el motivo principal sobre todo en la gente de edad o afligida es la devocion, la romeria parece más una breve excursion y un largo paseo por las calles.*

231 BERMUNDEZ, 2001, p. 19: *Las fiestas son la respiración de los pueblos.*

232 LAMAS, 1956, p. 298.

233 PORTO DA CRUZ, 1945, p. 18: *As festas principais chamam peregrinos e romeiros, sempre atrás de uma Virgem, de um santo, de um milagre ou do pagamento de promessas: As principais festas da Madeira, que chamam os romeiros dos mais distantes lugares e que servem, como balizas para orientar as minúcias da vida regional, são, pela ordem da sua importância, a «Senhora d'Agosto», no Monte, o «Senhor Jesus» na Ponta Delgada, o «Senhor dos Milagres» em Machico.*

234 SANCHIS, 1992, p. 120: *Tal como a missa, a procissão durante a romaria é o grande encontro da religião popular com a religião oficial (pelo menos a de outrora, antes da renovação inaugurada pelo concílio Vaticano II).*

235 FRANÇA, 1979, p. 29.

236 IDEM, p. 31.

serras e as estradas da ilha de bocadinhos de sol.

Uma outra festa que se liga com promessas feitas, em situações de grande aflição é a do Senhor dos Milagres, em Machico, uma festa de mares e de pescadores [*prometer um galão de azeite ao Senhor dos milagres a ver se a gente consegue pescar alguma coisa*²³⁷], uma festa de facho que rompem a noite ou as trevas que, ainda hoje também, reúne gente da ilha toda ou a da Senhora da Piedade, no Caniçal, uma festa de pescadores, em que a imagem da Virgem faz a procissão, por mar.

De registar que a procissão faz parte de todas as festas da ilha. Caminhar é fazer uma peregrinação para o centro do mundo. Em todas as festas, o povo sacraliza, assim o quotidiano: os pescadores pedem proteção no mar, os agricultores trazem as charolas com os produtos da terra e pedem que a terra continue a dar o que é preciso.

Em todas elas também, se instaura aquilo que Sanchis (1994) chama o *sagrado de transgressão* (p. 32) na medida em que o povo, aproveitando a folga do tempo comum, aproveita para comer, beber e transgredir algumas regras. Diz o autor que é *entre a relação entre a transgressão e o sagrado que se estabelece o (...) significado mais fundamental da festa*²³⁸, explicando que *a transgressão, no acto ritualizada, é uma válvula de segurança de que a sociedade dispõe para reintroduzir, periodicamente, no seu funcionamento, algo da energia primordial* (p. 33). A festa torna-se, então, uma *tentativa de fusão da vida humana* (p. 34), da qual faz parte a embriaguez, os excessos, os namoros ilícitos, as sortes para saber do futuro ou para arranjar namorados: *Litros de azeite/ p'ra o Santo alumiar, /se lhes deparar marido /para com elas casar*²³⁹.

Neste domínio de proximidade, insere-se, assim, o culto dos santos populares, *santos de comunicativa alegria, de noites de estúrdia, os santos milagreiros, de ano para ano se adoram em seu pedestal ou nicho (...) promessas que se balbuciam com fé que envolve uma quase certeza de tornar concreto o que se almeja*²⁴⁰, na medida em que a natureza se torna participante do ato religioso: *antevê-se a pureza das folhas e flores das plantas aspergidas pelo sereno da manhã que as benzeu*, assegurando o povo, nos ver-

sos dos seus cantares que *Todas as ervas são bentas/ nas manhãs de S. João*.

CONCLUSÃO

[Alguns contributos. apenas]

No encalço da ilha (d) escrita, partimos de dois trilhos iniciais que acabaram por definir o rumo do nosso estudo: religiosidade e espiritualidade, definindo os conceitos, tendo em conta o “eu” do insular que a literatura permite entrever e as relações que estabelece com o sobrenatural. Deste modo, à cristandade trazida nas caravelas das Descobertas, associaram-se outras formas de ligar o chão ao céu, os homens ao Transcendente. A natureza, no pleno exercício dos seus poderes, transforma a alma do homem, que com ela coabita em todos os momentos. Se, por um lado, a ilha é um templo, ou um santuário onde se esconde a Poesia de Deus, por outro, assume-se como manifestação da própria divindade que, nela, se corporiza e quase humaniza, na medida em que Deus se usa da terra, para abençoar e castigar os homens.

Nas ilhas, dizem alguns, a necessidade de fé é maior. Entre o mar e o céu, sem lugar seguro para onde fugir, só resta, ao ilhéu, acreditar: às vezes, no Deus dos cristãos, outras vezes, no Universo, ou o Centro, ou na força centrípeta da terra. Encontrámos, mesmo, casos em que os autores atribuem ao coração da ilha a capacidade de fazer de quem a visita, um ser religioso. Encontrámos então marcas da iconografia religiosa, misturada com a pagã: anjos e santos, fadas e bruxas convivem nos textos literários produzidos na Madeira, dando mostras de alguma permeabilidade de mundos e de seres que compõem o viver ilhéu, na sua vizinhança [de porta] com todos elementos – o ar dos ventos do norte, a terra que lhe dá [ou não] o sustento, a água que é chuva e que é mar, que abençoa e que mata e o fogo que, tantas vezes, lhe engole as colheitas e as casas e as vidas.

Uma ilha – qualquer ilha [e a Madeira não é exceção] é, por isso também, simbolizadora do mundo e essa “universalidade” reveste-se, na literatura, de um estatuto de sacralidade cósmica. Neste sentido, podemos distinguir os poetas [são sobretudo poetas] que permaneceram no espaço redondo e fechado da

237 FREITAS, 1964, p. 30.

238 SANCHIS, 1992, p. 32.

239 GONÇALVES, 1994, p. 84.

240 GOUVEIA, 1994, pp. 100, 102.

Madeira e os que, por uma razão qualquer que não está no âmbito deste artigo explorar, foram procurar outros lugares. Chamemos-lhes poetas-terra e poetas-mar, respetivamente. Uns porque se guardaram no chão da ilha e nele encontraram uma maior facilidade para criar e outros porque, abandonando a respiração telúrica da ilha, foram atraídos pela consciência livre do mar e dos pássaros. Em cada grupo, uma espiritualidade diferente. De um lado, Deus, o dos católicos, mas também o que se manifesta na luz, nas escarpas, na brisa, na força da aluvião; do outro, o Universo, a busca do Centro, a procura da essência consubstanciada no silêncio, enquanto mistério, enquanto fecundidade, enquanto ponto de confluência de todas as espiritualidades, lugar onde a Verdade se realiza, porque “o som mais forte”, de Lao Tsé ou o lugar onde se pode esperar a salvação de Deus, como está no livro das Lamentações. Talvez seja aí, nesse silêncio que a ilha ensina, que o ato poético se encontra com a criação genesíaca: *no princípio, criou Deus...* e o poeta.

A ilha é casa, ninho, concha, sacrário onde se guarda um coração telúrico, o lugar mais próximo das origens, da infância, de Deus. Em alguns poetas, sentimos, por esse motivo, a desilusão do que já não é, porque o tempo e o progresso foram corrompendo. O regresso à ilha – real ou metafórico - representa, portanto, um retorno ao paraíso perdido.

Comum a todos – os de fora, os de dentro e os fizeram da ilha um porto de escala ou de salvação – a Natureza. Ela faz parte do lastro poético da Madeira, na sua forma mais pura, enquanto paraíso inicial, como elemento de força – as terras são férteis, as flores são lindas, as paisagens são de cortar a respiração, os homens ora são heróis, ora demiurgos, construindo as casas na beira do abismos e cultivando as terras que se equilibram nos montes. No entanto, ela é também o braço justiceiro de Deus, expressamente dito nas descrições das enxurradas e no rebentar do ventre das montanhas, em dias de temporal.

Por entre os textos que escreveram a ilha e onde peneiramos dados que, a nossos olhos, diziam da espiritualidade, descobrimos uma zona de fronteira, ou uma terra que, sendo de todos, é de ninguém – apropriando-nos da terminologia da Nissologia – onde se desnuda, mais facilmente aquilo que nos parece dar indícios de uma espiritualidade mais ilhoa: na escrita das festas e das romarias. É aí que os escritores se libertam das lentes pelas quais (d)escrivem os senti-

res dos madeirenses, nas personagens que criam ou na expressão da sua própria relação com o Absoluto, tenha ele o nome que tiver. Ao contar das festas que o povo faz, os autores ficam desobrigados das regras de que, direta ou implicitamente, estão investidos, apresentando, sem censuras, a ligação umbilical do insular à terra e ao mar, em simultâneo. Sentimo-lo nas manifestações da Festa, nos cantares que acompanham as romagens que se inserem nos atos litúrgicos, na forma como preparam os barcos e os transformam em andores, nas festas para proteção dos pescadores ou ação de graças pelo seu regresso ao porto; sentimo-lo na ligação da natureza, que ora é mãe, ora madrasta, porque braço justiceiro de Deus; sentimo-lo nas lendas e nos mitos que acompanham os tempos sagrados; os lugares que os insulares evitam, as rezas que fazem para afastar os maus espíritos, os rituais mágicos com que acompanham a vida; sentimo-lo nas narrações de algumas festas, nomeadamente a da Senhora do Monte e do Senhor Bom Jesus, na organização do tempo que, sacralizando nesses dias, dá sentido aos quotidianos de lutas e de trabalhos; sentimo-lo nas vozes que apresentam a Festa e o Fim do ano, como tempos de renovação, justificando, mesmo, os fogos-de-artifício que são cartaz principal da Ilha; sentimo-lo na descrição dos altares privados de cada casa, por altura do Natal, em que a lapinha é representativa da ilha, dos seus produtos, dos seus medos e dos seus anseios; sentimo-la nas procissões, mesmo quando carregadas de críticas, ou nas peregrinações e romarias, enquanto caminho para uma [qualquer] eternidade.

Como traço final, a percepção de que, mesmo nas escritas mais dessacralizadas, no momento de abordar a ilha, não é fácil não escrever a sua alma. Uma ilha é sempre representação do mundo. Inteiro. Para o insular, a sua ilha é o Centro. É para lá que convergem os seus passos. Foi esse movimento para dentro – da ilha e de si – que a literatura foi traduzindo. Nós apenas tentámos percorrer o fundo lírico que foi forrando o chão escravo da Madeira e vendo de que forma se foi traduzindo a sua busca de asas: na expressão do coletivo, do oculto e do visível, nas palavras e nos silêncios. A ilha é o verdadeiro deus do ilhéu. E pronto.

Entre os olhos e a escrita, há sempre muitos silêncios, muitos vazios, mas, entre a alma e a escrita os abismos são outros. Convocamos, então, Thomas Mann para nos acompanhar na viagem: *É preciso ter*

asas, quando se ama o abismo. E as veredas da ilha nem sempre são lugares seguros. Como as escritas. Ou as leituras.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV, 1982, *Aquele espesso negrume* (variações sobre um mesmo tema: Machico e Machim na Alvorada da ilha), Machico.
- AAVV, 2001, a cura di Giampaolo Tonini, *Poeti Contemporanei dell'Isola di Madera*, Venezia.
- AAVV, 2008, *Leituras Soltas*, Fnac/O Liberal, Madeira.
- ANDRADE, Irene Lucília, 2001, *Protesto e Canto de Atena*, Leiria.
- ANDRADE, Irene Lucília, 2002, *Água de Mel e Manacá*, Porto.
- BACHELARD, Gaston, 1985, *L'eau et les rêves*, Paris.
- BAPTISTA, José Agostinho Baptista, 2000, *Biografia*, Assírio & Alvim.
- BARROS, João, 1998, *Ásia – Primeira Década*, Imprensa Nacional.
- BERMUNDEZ, Felipe, *Fiesta Canaria*, una interpretación teológica, Las Palmas.
- BESSA-LUIS, Agustina, 2008, *A corte do Norte*, Lisboa.
- CÂMARA, João Brito, 1950, *Ilha*, Coimbra editora.
- CARROLA, Rogério, 1995, *Os Lírios da Lua*, Funchal.
- CARVALHO, António Breda, 2012, *O Fotógrafo da Madeira*, Oficina do Livro.
- CARVALHO, Miguel Tremoço de, 2001, *Gaspar Frutuoso O historiador das Ilhas*, Funchal, ed. CEHA.
- (CASTILHO), António Feliciano Rodrigues, 1916, *Sonetos*, Lisboa.
- CASTRO, António, 2008, *Maior do que a lenda*, Funchal 500 anos.
- CASTRO, Ferreira, 1977, *Eternidade*, 13ª edição, Lisboa, Guimarães & Ca.
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, 1999, Alain, *Dicionário de Símbolos*, 14ª edição, Rio de Janeiro.
- COELHO, Luys d'Ornellas Pinto, 1896, *Harpa Madeirense*, Funchal.
- CRUZ, António Barroso, 2009, *Santos Pecados e Contos do (Im)possível*, Funchal.
- DIONÍSIO, Fátima Pitta, 2010, *no Amor das coisas Gregas*, Funchal.
- DIONÍSIO, Sant'Anna, 1970, *Ilha da Madeira e suas virtualidades espirituais*, Lisboa.
- ELIADE, Mircea, 1956, *O Sagrado e o Profano*, Livros do Brasil, Lisboa.
- ELIADE, Mircea, 1989, *Mitos, Sonhos e Mistérios*, Lisboa.
- FARIA, Rosa Lobato, 1987, *As pequenas Palavras*, Guimarães.
- FERNANDES, José Baptista, 2003, *na festa das espigas*, Madeira.
- FERREIRA, David Mourão, 1979, *Portugal. A Terra e o Homem*, Antologia de textos de escritores do século XX, II Volume – 1ª série, Lisboa.
- FERREIRA, Francisco, 2008, *A Lapinha do Caseiro*, Assírio & Alvim.
- FRANÇA, João, 1972, *A Ilha e o tempo*, Funchal.
- FRANÇA, João, 1979, *Mar e céu por companheiros*, Lisboa.
- FRANÇA, João, 1985, *António e Isabel do Arco da Calheta*, Funchal.
- FREITAS, Pe. Alfredo Vieira de, 1984, *Era uma vez ...na Madeira*, 2ª ed. Funchal.
- FREITAS, Irene de Mendonça e, 1994, CRAC, Madeira.
- FRUTOSO, Doutor Gaspar, 1979, *Livro Segundo das Saudades da Terra*, Ponta Delgada.
- GOMES, J. Reis, 1935, *Natais, Contos e Narrativas*, Funchal.
- GONÇALVES, Manuel, 1994, *Versos*, Funchal.
- GONÇALVES, José António, 1988, *20 textos para falar de mim*, Funchal.
- GONÇALVES, José António, 1995, *Os pássaros breves*, Lisboa.
- GONÇALVES, José António, 2000, *Aventura na Casa dos Livros*, Cadernos Ilha.
- GONÇALVES, José António, 2000, *Lembro-me desses Natais*, Funchal.
- GONÇALVES, José António, 2002, *Memórias da Casa*

de Prdra, Funchal.

GOUVEIA, Horácio Bento, 1972, *Alma Negra e outras almas*, Funchal.

GOUVEIA, Horácio Bento, 1975, *Canga*, Coimbra.

GOUVEIA, Horácio Bento, 1979, *Torna-Viagem*, Coimbra.

GOUVEIA, Horácio Bento, 1966, *Canhenhos da Ilha*, Funchal.

GOUVEIA, Horácio Bento, 1994, *Crónicas do Norte*, S. Vicente.

GOUVEIA, Horácio Bento, 2001, *Natal na Cidade, Festa no Campo*, sel. de Nelson Veríssimo, Funchal.

GOUVEIA, São Moniz, 2002, *O Templo Móvel*, Porto.

HELDER, Herberto, 1977, *Cobra*, & etc, Lisboa.

HELDER, Herberto, 1978, *O Corpo O Luxo A Obra*, & etc, Lisboa.

HELDER, Herberto, 1996, *Poesia Toda*, Assírio & Alvim, Lisboa.

HESPAHOL, João, 2007, *Porto Santo, António*, Letras de Caixotim.

HOMEM, Maria Aurora, 1992, *A Santa do Calhau*, Ed. Notícias.

HOMEM, Maria Aurora, 1999, *Discurs(ilha)ndo*, Funchal, Calcamar.

LAMAS, Maria, 1956, *Arquipélago do Funchal, Maravilha Atlântica*, Funchal, Eco do Funchal.

LEITE, Jerónimo Dias, 1947, *Descobrimento da Ilha da Madeira e Discurso da Vida e Feitos dos capitães da dita ilha* (tratado composto em 1579), com introdução e notas de João Franco Machado, Universidade de Coimbra.

MARQUES, Helena, 1994, *A Deusa Sentada, Dom Quixote*, Lisboa.

MELO, D. Francisco Manuel, s.d., *Descobrimento da Ilha da Madeira – ano 1420, Epanáfora Amorosa*, com texto crítico e notas informativas por José Manuel de Castro.

MENDONÇA, Maria, 1969, *A ilha da Madeira vista por intelectuais e artistas*, 2ª edição, Funchal.

MENDONÇA, Tolentino, 2005, *A estrada Branca*, Assírio & Alvim.

MENDONÇA, Tolentino, 2010, *A noite abre meus*

olhos, Assírio & Alvim.

MENDONÇA, Tolentino, 2011, *Um Deus que dança*, Apostolado da Oração.

MENDONÇA, José Tolentino, 2013, *O Hipopótamo de Deus*, Paulinas ed.

MONTÊS, António, 1938, *Terras de Portugal*, 1ª série, Lisboa.

NASCIMENTO, Cabral, 1924, *Alguns Sonetos*, Lisboa.

NASCIMENTO, Cabral, 1933, *Além-Mar*, Nova edição refundida, Funchal.

NASCIMENTO, Cabral, 1963, *Cancioneiro*, Lisboa.

NEPOMUCENO, Rui Firmino, 2008, *A Madeira vista por escritores portugueses (séculos XIX e XX)*, Funchal.

NUNES, Eduardo, 1954, *Porque me orgulho de ser madeirense*, 2ª ed., Funchal.

OLIVEIRA, A. Lopes, 1969, *Arquipélago da Madeira, Epopeia Humana*, Braga.

PEDROSO, Consiglieri, 1988, *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, Lisboa.

PESTANA, Eduardo Antonino, 1965, *Ilha da Madeira*, Câmara Municipal do Funchal.

PESTANA, Joaquim, 2010, *Poesias*, org. de Nelson Veríssimo, Câmara de Lobos.

PINHEIRO, Francisco Alvares, 1950, *Excursão às Ilhas Adjacentes – Memórias e Impressões de viagem*, s/l.

PIO, Manuel Ferreira, 1978, *O Monte – Santuário Votivo da Madeira*, 2ª ed, Funchal.

PORTO DA CRUZ, Visconde, 1951, *Notas & Comentários sobre a História Literária da Madeira*, vol. II, Funchal.

PORTO DA CRUZ, Visconde, 1954, *Trovas e Cantigas do Arquipélago da Madeira*, ed. autor.

RAMOS, Acúrsio, *Ilha da Madeira*, 1879, Lisboa.

SANCHIS, Pierre, 1992, *Arraial: Festa de um povo*, Lisboa.

SOUSA, Francisco Clode, 2008, *onde estás?*, V. N. Gaia.

TUDELA, Alberto Galván, 1987, *Las Fiestas Populares Canarias*, Santa Cruz de Tenerife.

VASCONCELLOS, Francisco Paula de Medina e, 1805, *Sextinas Elegíacas ao sempre memorável estrago da cidade do Funchal na ilha da Madeira na Calamitosa aluvião do dia 9 de Outubro de 1803*, Funchal.

VERAS, Dalila Teles, 1989, *Madeira, do Vinho à Saudade*, Funchal.

VERÍSSIMO, Nelson, 1998, *Passos na Calçada*, Funchal.

VIEIRA, Alice, 2011, *Os Profetas*, ed. Caminho, Lisboa.

WEBGRAFIA:

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7201.pdf>